

Castro, Augusto de
Caminho perdido

Augusto de Castro

CAMINHO PERDIDO

Peça em 3 actos representada pela primeira vez
no Theatro D. Maria II
em 24 de março de 1906



LISBOA
LIVRARIA EDITORA
Viuva Tavares Cardoso
5, Largo de Camões, 6
1906

Augusto de Castro

Caminho Perdido

Peça em 3 actos representada pela primeira vez
no Theatro D. Maria II
em 24 de março de 1906



LISBOA
LIVRARIA EDITORA
Viuva Tavares Cardoso
5, Largo Camões, 6
1906

Imp. de Libanio da Silva, 29, Rua das Gaveas, 31 — Lisboa

A Julio Dantas

O „CAMINHO PERDIDO”

NO THEATRO DE D. MARIA II

E

A CRITICA

Augusto de Castro não é um desconhecido. Entrando na vida com o seu multiplo talento de orador e de jornalista vigoroso, soube conquistar no primeiro assalto applausos que o publico justo lhe não regatiou. Mas as suas fortes tendencias litterarias dominavam sempre as modalidades do seu espirito.

O orador é um academico, cujas phrases sahem artisticas e buriladas, o jornalista é um pensador elegante e masculo, possuindo na espontaneidade da forma o segredo de ser a um tempo sincero e perfeito.

Em tudo isto, no emtanto, o talento moço e nascente de Augusto de Castro mais se detem um momento com o encanto das primeiras impressões, do que com o goso profundo e inalteravel de uma dedicada vocação do seu espirito. Outro canto differente buscam os seus olhos, n'outra região diversa pairam os seus votos, os seus desejos, toda a religião da sua alma.

Esse recanto de sonho que assim attrahiu a sua mocidade acenando-lhe com o deslumbramento ficticio das suas glorias,

o theatro. E, podemos dizel-o, cremos que poucas vezes uma vocação tão decidida e terminante guiou um homem de lettras nos seus primeiros passos, lhe insinuou onde estava o seu verdadeiro rumo, a estrada de luz, clara e recta, por onde deve enveredar.

Conta-se que Charles Baudelaire, o mordente e original artista d'essas sombrias *Fleurs du mal*, soffreu annos de um desanimo lento e acabrunhador, devorado pela sphinge mortal da duvida, perguntando a si mesmo onde e como demonstrar esse genio que em si adivinhava, que sentia latente em si. E só no fim d'esse periodo de angustia, de raiva impotente contra um ponto de interrogação, de lucta sem treguas, é que a comprehensão da sua força entrou de fazer-se, clara e nitida, no seu espirito. Este poderoso artista do sombrio e do mal só passados annos achou na sua compleição doentia e definhada a sede ditosa, o germen glorioso do seu genio.

Ao contrario do grande poeta francez, este moço escriptor que hoje se estreia conheceu desde o principio a sua vocação, e soube enveredar por ella. Nos seus primeiros ensaios o dialogo sahia-lhe facil, d'uma naturalidade surprehendente, e, o que é mais, cheio de uma notavel intensidade dramatica. A suà imaginação era rica, os seus recursos litterarios grandes, immensa a sua rede de perfeição... Como duvidar um instante da revelação de um dramaturgo quando elle se apresenta com taes dotes?... Se não temessemos ser indiscretos, levantariamos uma ponta do véo em que está envolvido o primeiro drama que Augusto de Castro escreveu — *A Culpa* — peça modelar ainda não representada, á falta de quem interprete o singular e emotivo temperamento da sua protogonista. Esse drama, de uma perfeição technica rara em principiantes, attinge verdadeiras superioridades litterarias no acto de impressionar e commover.

O *Caminho perdido*, a peça que Augusto de Castro, hoje apresenta em publico, tanto quanto o podemos affirmar pela

audição de um ensaio, define todas as suas largas e firmes qualidades de dramaturgo, demonstra, melhor do que nós aqui o fariamos, que é um verdadeiro homem de theatro quem a escreveu; homem de theatro cuja carreira está definida e assente, e cujos triumphos seguirão, a um e um, ininterruptamente, o d'esta noite. Porque temos a convicção de que o publico fará a Augusto de Castro a apotheose que o seu talento merece.

D'*O Jornal da Manhã* de 24 de Março.

... Tivemos hontem, n'este theatro, mais um original portuguez, o terceiro d'esta epocha, se não estamos em erro. Intitula-se a nova peça *Caminho Perdido*, e é seu auctor o sr. Augusto de Castro, que com ella fez a sua estreia de escriptor de theatro, abordando um genero por tantos motivos difficil e onde teem naufragado alguns dos mais esperançosos litteratos da nossa terra.

O *Caminho Perdido* não parece trabalho de quem se estreia; o primeiro acto, especialmente, eguala em technica, em dialogo e em desenho de caracteres, muitas das obras de auctores de longo tirocinio.

D'*O Seculo*, de 25 de Março de 1906.

Foi muito auspiciosa a estreia do sr. dr. Augusto de Castro hontem realisada n'este theatro com a sua peça em 3 actos, *Caminho Perdido* e estamos certos que o acolhimento que o novel auctor hontem recebeu do publico, servir-lhe-ha de incentivo para novos trabalhos dramaticos.

Deve ser sempre bemvindo um original, porque representa mais um bom esforço para o resurgimento da arte dramatica portugueza, que bem precisa encontrar quem com os

seus bons desejos a auxilie por qualquer fórma, a demonstrar que ella não jaz só mergulhada no esquecimento das traducções.

Por isso é nosso dever applaudir todos os que contribuem para esse resurgimento.

Caminho Perdido demonstra da parte do seu auctor inquestionavel tendencia para a litteratura theatral, e se a peça não está isempta de defeitos, não deixa de ter excellentes qualidades—a par de um dialogo bem trabalhado, scenas muito interessantes.

O publico assim o comprehendeu, applaudindo o sr. Augusto de Castro e festejando-o, como era de justiça.»

D'*O Diario de Noticias*, de 25 de março.

. . . O *Caminho Perdido* tem tres actos, e o melhor dos tres é, incontestavelmente o primeiro. N'este ha uma scena incisiva, curta, e d'um bello dialogo que interessa pela fórma e pelo conceito adstricto ao entrecho.

É uma scena que se passa entre dois amigos, relativa a negocios. Mas, nos outros dois actos evidencía, tambem, o auctor uma faculdade explendida que a muitos escriptores portuguezes falta por completo. Referimo-nos á tensidade dramatica, logica, concatenada e natural, que dá á peça a necessaria graduação de acto para acto, conforme a acção se vae desenrolando.

E quem conhece theatro sabe bem que isto é difficil, quer pelo caracter de melancholia que nos caracterisa, quer pela sua visinhança com a fórma melodramatica. Pela expansão forte e vigorosa da acção, é facil cahir no arrazoado palavroso, emphatico, bombastico, de phrases de effeito mas vazias de sentido, e muitas vezes affastadas da ideia primacial ou seja a tensidade dramatica dos romances de *feuilleton*,

que é quasi sempre prolixa e dispersiva. D'isso se livrou o sr. Augusto de Castro, e ahi está qual o melhor predicado, a nosso ver, da sua peça de ante-hontem.

F. R.—D'*A Vanguarda,* de 25 de Março.

Rapidamente, e tanto quando o esforço o comportava, dissemos hontem, ácerca do *Caminho perdido,* o que em poucas linhas se póde sempre dizer de uma peça que, por qualquer circumstancia, nos prende a attenção. Hoje, mais detidamente, vamos ractificar e desenvolver as impressões hontem expostas, mostrando assim como o novo original portuguez se impõe á sympathia e á consideração de quantos não andam em *corrilhos* litterarios e prezam o trabalho honesto e revelador de qualidades, venha elle de onde vier, traga embora o rotulo de *avariado* em pugnas parlamentares e em escaramuças jornalisticas a favor dos Navegantes.

A verdade é que o *Caminho perdido* é a primeira producção dramatica do sr. Augusto de Castro, e que muito inferior á peça ante-hontem representada em D. Maria é parte do reportorio francez por ahi propinado e applaudido a meudo.

A par de outras qualidades reveladas no *Caminho perdido* notaremos ainda de passagem a intensidade dramatica, que de acto para acto vai em crescendo.

L. D.—D'*O Mundo* de 26 de Março.

Assumpto escabroso e banal, corriqueiro e porco, em que o adulterio, crú e grosseiro, sem espiritualisações de affecto e com brutalismos de materialidade, não tem a desculpal-o, como thema theatral, nem uma solução ao problema do casamento, nem um protesto contra a indissolubilidade do ma-

trimonio e muito menos uma reivindicação moralisadora e intelligente do direito ao amor, da liberdade do coração, que sendo a fonte da vida, não pode nem deve estar sujeita á estupida convencionalidade das leis e ás infamias e hypocrisias dos preconceitos sociaes, o *Caminho perdido*, explorando no adulterio, apenas, o escandalo e a materialidade das paixões, enfileira o sr. Augusto de Castro entre os theatralistas dos figurinos francezes, que, ignorando que do chifre se podem fazer espichos para vasilhas, pentes de alisar, botões, espatulas, tinteiros, polvarinhos, cabides, caixas de rapé e uma infininade de artigos de uso domestico e commercio rendoso, encarecem a materia prima e arrazam a industria dos pentieiros, monopolisando para o theatro, sob formulas litterarias e artisticas, a exploração mercantil do chavelho, de guisa tal, que anda uma pessoa, por entre peças e romances, na leziria das lettras, tão arriscado e temeroso de uma colhida, como por entre as boiadas do Ribatejo.

O que sendo, para um escriptor novo, cheio de mocidade e, ao que parece, cheio de aspirações, um mau prenuncio este de enveredar logo a entrada com o *Caminho perdido,* pelo caminho mais calcurriado e sabido de todos os que, pondo de parte a Arte, buscam no theatro um simples modo de vida, no caso do sr. Augusto de Castro, é tanto mais grave, quanto é certo, que, sem maior esforço, elle poderia sobre outro thema dar mais largas e amplas provas das suas manifestas aptidões, porque o *Caminho perdido*, como procurei que resaltasse do relato do seu entrecho, não é como peça de estreia, uma obrelha sem valor e sem significação.

Pelo contrario: entrando logo, sem periphrases e sem rodeios no seu assumpto, dando, com o vigor da phrase, as linhas caracteristicas dos seus personagens e, pela violencia scenica das suas situações, deixando preso da sua engrenagem o interesse sempre vivo dos espectadores, o *Caminho Perdido* tem dentro de si qualidades theatraes que a vulga-

ridade do seu enredo, o tom carregado e aspero dos seus typos, e sobretudo o repisar fastidiento dos mesmos motivos no dialogo e a intercalagem de intervallos comicos, a meio das suas passagens capitaes de emoção e de acuidade dramatica, não conseguiram esbater e annular».

Braz Burity—D'*A Lucta*, de 26 de Março.

... Em nosso entender o sr. dr. Augusto de Castro não foi feliz no assumpto que escolheu para a sua peça. Deve-se, no entanto, dizer em abono da justiça, que a sua obra é um primor de litteratura, tendo muitas scenas habilmente descriptas.

D'*A Epocha*, de 25 de Março.

... Augusto de Castro, o novo dramaturgo, fez a sua carreira no jornalismo portuense, dirigindo a *Provincia*, onde, além da sua collaboração politica, deixou artigos de critica e de litteratura. Novo ainda, pertencendo á ultima geração de escriptores, o moço artista documentou amplamente as suas reaes aptidões no sabbado ultimo, em D. Maria. As suas qualidades de dialogador são manifestas, e para o provar bastaria referir o dialogo do primeiro acto, entre Ferreira da Silva e Pinto Costa, onde dir-se-hia ter trabalhado um dramaturgo experiente, tal a clareza das phrases, o ataque da replica, e como se vislumbra desde logo o fio dramatico da acção que, mais tarde, no segundo e terceiro actos, parallelamente com as scenas de amor, vem a dar o desfecho lancinante — com que a peça termina.

Decorreram os dois primeiros actos com interesse por banda do publico, e, no final do ultimo, parte dos espectadores deram em arrastar os pés, n'um protesto visivelmente

injustificado, tanto mais quanto a peça de Augusto de Castro se alguns defeitos accusa, são insignificantes indecisões de estreiante, que aliaz soube vencer triumphalmente os escolhos de um primeiro original. Não teria de referir-me a essas exiguas manifestações de desagrado se ellas não tivessem levantado por parte do publico restante um contrario movimento — de applauso — que a nossa sinceridade obriga a acceitar como jústissimo, porque o *Caminho Perdido* revelou as mais apreciaveis qualidades de escriptor de theatro no auctor, e, não são tantos os dramaturgos portuguezes que nos vejamos obrigados, por um intolerante facciosismo, a applaudir apenas os escriptores que nos possam ser pessoalmente gratos, e lavrando ruidosamente o nosso protesto contra aquelles que não pertencem ao *cercle* das nossas convivencias. O sr. Augusto de Castro venceu todos os attrictos, e mesmo algumas más-vontades, e venceu porque soube traçar uma peça com scenas altamente dramaticas, soube definir os varios caracteres das personagens em torno das quaes o conflicto deflagra, e soube apresentar n'um segundo plano, algumas figuras levemente caricaturaes, mas tão intensas de verdade e tão bem observadas, que por si sós bastariam para lhe garantir a primorosa estreia que teve, e que o obriga a proseguir no cultivo d'esse genero litterario.

O que além de tudo, notei na peça de Augusto de Castro foi a harmonia do conjuncto, como as personagens se movem em scena, como vão galgando os lances dramaticos para um desfecho que surge logico, e como, sem esforço, sem *trucs*, aquelles perfis se movem no tablado, entrando e sahindo, sem recorrer áquelle processo dos personagens surgirem em scena apenas para «darem o seu recado».

O assumpto de que um auctor lança mão não nos pertence discutil-o, como Hugo o explica no prefacio das *Orientales*; a nós cabe-nos a missão de exprimir se o auctor o desenvolveu e o visionou pelo seu lado artistico ou dramatico apenas.

E, Augusto de Castro desenvolveu o assumpto da sua peça— o adulterio — por fórma dramatica, dando-nos uma peça. Em breves palavras se define esse *sujet* : — a adultera, depois de confessar ao amante que traz no ventre um filho seu, e vendo o egoismo sordido d'esse homem a quem amava, vendo-o tremer das responsabilidades e cheio de cobardia, deixa-o partir perdendo-o, e, não podendo continuar a respirar, no lar, com o marido, uma atmosphera de ciladas e mentiras, decide fugir, tambem, para entregar-se apenas ao fructo do amor, ao filho, redimindo com a sua carinhosa missão maternal todo esse passado de impureza e lodo.

Ego — D'*O Dia* de 26 de Março

Antes de mais nada : — a peça ante-hontem representada no theatro de D. Maria tem uma historia. Contemol-a. Escrevera o sr. Augusto de Castro, com destino á actriz Lucilia Simões, um drama no genero do *Pardon* de Lemaitre, que as circumstancias encaminharam para o D. Maria. Modelarmente escripta, a primitiva peça, animada apenas por um debil fio de acção, pareceu ao seu auctor, depois já de acceite pela gerencia do theatro, falha das essenciaes qualidades para o triumpho da scena. D'ahi a ideia de substituil-a. Em quinze dias, o sr. Augusto de Castro escreveu uma nova obra dramatica e apresentou-a á gerencia do theatro, já a esse tempo confiada ao actor sr. Joaquim Costa. A peça transitou, como da praxe, para o commissario, e d'este recebia o auctor, dias depois, uma carta de caracter particular, avisando-o de que lhe seria impossivel, bem contra o seu desejo, consentir na representação de um trabalho que se lhe afigurava escabroso e como tal incurso nas disposições prohibitivas da lei reguladora do repertorio de D. Maria.

O sr. Alberto Pimentel, avisando d'essa contrariedade o

auctor, pedia-lhe que retirasse a peça, evitando-lhe o des gosto de ter de recusal-a officialmente, por obrigação do seu cargo.

Ora de facto, a peça que se affigurava escabrosa ao commissario do governo, tinha a qualidade perigosa de tratar sem pieguices, antes com uma notavel preoccupação de clareza e de verdade, um caso de adulterio. O sr. Alberto Pimentel podia ser accusado de interpretar com demasiado rigor e um puritanismo excessivo o artigo da lei por cujas malhas escapára o *Serão nas Laranjeiras* e o *Nó cego*. Mas não se poderia de boa fé attribuir-lhe a intenção de recusar, pelo simples e duvidoso prazer de uma recusa, o consentimento á representação de um valioso trabalho litterario, com que se estreiava no theatro um homem novo, de provadas e consagradas aptidões, e cuja situação social excluia o proposito de explorar a evidencia pelo escandalo. O sr. Alberto Pimentel sinceramente julgou arriscada a obra do sr. Augusto de Castro e lealmente lh'o communicou. A ninguem deve surprehender que o auctor, por não concordar com a opinião do commissario, contra ella protestasse e insistisse em que a sua obra fosse julgada pelo publico.

O pedido de demissão do sr. Alberto Pimentel facilitou a realisação d'esse natural desejo. Na falta temporaria de commissario, a gerencia dispensada de submetter as suas decisões ao voto de uma entidade que não existia, acceitou a peça, ensaiou-a e representou-a, sem que o auctor lhe houvesse feito quaesquer modificações.

Era assim uma obra regeitada officiosamente pelo ultimo commissario do governo, como escabrosa, que ante-hontem pela primeira vez subia á scena em D. Maria. Podia esperar-se que, contra as convicções do auctor e da gerencia do theatro, a peça escandalisasse a plateia preconceituosa e conservadora do theatro normal, dando ganho de causa ao escrupulo previdente do sr. Alberto Pimentel. Mas o que a ninguem era li-

cito adivinhar éra que os protestos contra as audacias do dramaturgo sahissem de entre os que se dizem campeões de todas as audacias e adversarios de todas as transigencias, em contraste com a reserva mantida pela maioria de um publico, respeitador tradiccional das convenções as mais anachronicas e obsoletas.

A peça do sr. Augusto de Castro tem para a vulgaridade um defeito fundamental e irremediavel. E' escripta com os impetuosos arrojos da mocidade, n'uma linguagem viril, energica e nervosa, tecida ora d'ironias flammejantes, que lembram a inspiração humoristica de Eça, ora de crudelissimas inflexões humanas, reaes e terminantes, como as que, no dialogo de Flaubert, constituiram o escandalo tempestuoso da *Madame Bovar.*

Sempre que o sr. Augusto de Castro se conteve dentro dos processos conhecidos do theatro e não exhorbitou em sacrificar as convenções á verdade, a sua peça triumphou da desconfiança e da frieza do publico, pela graça satyrica do seu dialogo, quando intervinha a comedia, pela solida contextura das suas peripecias, quando dominava a acção dramatica. Foi assim que o primeiro acto do *Caminho perdido* foi fechado com applausos, dos mais espontaneos que um estreiante terá ouvido no palco de D. Maria.

A emerita sciencia de dialogar, que ficará sendo a mais brilhante qualidade litteraria do novo dramaturgo, e que só por si basta para lhe conquistar um logar de distincção, entre os seus collegas de mais annos, dominou, desde as primeiras scenas da peça, os espectadores. Havia vida em scena. As personagens falavam — finalmente! — uma linguagem que lhes era adequada. A acção animava-se de repente com as suggestionadoras forças da verdade. Pode affoitamente affirmar-se que, entre todos os debutantes dos ultimos cinco annos, nenhum como o sr. Augusto de Castro se affirmou, na noite da sua estreia, um tão completo homem de theatro. É

em plena concordancia com Accacio de Paiva, o illustre poeta e critico theatral d'*O Seculo*, que, em reforço insuspeito da nossa opinião, reproduzimos da sua concisa noticia as seguintes palavras: «O *Caminho Perdido* não parece trabalho de quem se estreia; o primeiro acto, especialmente, eguala em technica, em dialogo e em desenho de caracteres, muitas das obras de auctores de longo tirocinio».

Comtudo, e apesar d'essas qualidades excepcionaes, a peça não logrou impor-se na sua sequencia, ao agrado dos espectadores. Se a linguagem permanecia energica, se o dialogo não esmorecia com expontaneidade e vigor, a acção enveredava para situações e conflictos em que a logica não bastava para fazer esquecer a crueza, audaciosamente despida de artificios. Um sussurro de desagrado acompanhou toda a grande scena do 3.º acto, entre os dois amantes, que constitue a parte culminante da acção e aquella onde o auctor, abusando do seu excessivo culto da verdade, mais audacioso se mostrou, nas intenções e nos processos. O desagrado do publico não irrompeu, porém, em manifestações ostensivas, como durante a primeira representação das *Almas doentes*, de Marcellino de Mesquita: o mais completo e consagrado temperamento de dramaturgo que hoje tem o theatro portuguez! A eloquencia convincente do sr. Augusto de Castro conseguiu o milagre de fazer calar os protestos da plateia.

Rendeu-se á sua intelligencia e á honestidade exemplar dos seus processos de escriptor a parte do publico que entra no theatro sem ter discutido em casa ou nos cafés, em conciliabulos de inveja ou de rancor, a situação, a vida, as posses, a familia, os antecedentes, os amigos e os inimigos do auctor. Não obteve, porém, o sr. Augusto de Castro fazer calar as iras dos que, estrenuos defensores de todas as audacias, systhematicamente empurram para o desastre todos os audaciosos e deante de cujos furores iconoclastas nenhuma especie de honesto esforço ou de talento desprotegido vinga tornar-se

respeitado. Ruidou forte a pateada no *gallinheiro* do D. Maria. As bengalas rufaram a velha aria dos grandes fiascos.

Felizmente, o barulho não foi demasiado. As palmas de um só homem de boa fé bastavam de sobra para abafar a voz dos bengalões dos demolidores.

Se não tivesse tido outro merito, a obra do sr. Augusto de Castro haveria servido para nos revelar que os perturbadores das primeiras representações são na sua quasi totalidade pequenos grupos organisados para a desforra de grandes despeitos.

Do *Noticias de Lisboa* de 26 março.

O sr. Augusto de Castro, ao conceber as personagens e intriga da sua peça, estamos certos de que não cuidou em desenvolvel-a para uma solução que seria digna do seu talento, e que nós, muito enthusiasmadamente, aqui applaudiriamos. Não, evidentemente. É um defeito, e o maior que, sob o ponto de vista que julgamos o melhor por ser o indispensavel, notamos no *Caminho Perdido*. Não nos fartamos de o dizer, para indicação dos que trabalham para o theatro, e de todos quantos escrevam para o publico. Escrever como escrevia mr. Jourdan, não vale a pena, porque nada restará de consolador para a intelligencia, nem de util para a terra. Mas digamos tudo, para sermos justos e verdadeiros n'estas linhas, como pretendemos em todas as outras que escrevemos. A peça do sr. Augusto de Castro, sob o ponto de vista de *construcção* geral, e da *composição*, considerada parcialmente, de algumas personagens, affirmou qualidades notaveis, principalmente se attendermos que se trata de uma estreia. Não ha duvida. Algumas scenas do primeiro e segundo actos, foram ideiadas com fortuna, e *reveladas* na scena ainda com fortuna maior. Ha tambem uma scena no terceiro acto, des-

empenhada pela sr.ª Carolina Falco e pelo sr. Joaquim Costa, que é, incontestavelmente, interessante.

D'*As Novidades*, de 27 de março.

O sr. dr. Augusto de Castro, que, no jornalismo do norte, conquistára já facilmente um logar distincto, trabalhando com a mesma felicidade de concepção e primores de estylo o artigo politico, a chronica litteraria, a simples nota curta, ponteada de reticencias maliciosas dos *faits divers*, e o conto ligeiro, despretenciosamente esboçado, todos os elementos componentes de uma gazeta diaria,—materiaes indispensaveis á construcção d'esse fragil edificio, destinado a estar de pé apenas algumas horas,—tendo triumphado sempre, com evidencia para o seu nome, quiz agora vagar á litteratura dramatica e estreou-se no sabbado passado, em D. Maria, com o drama passional *Caminho Perdido*.

O assumpto que o sr. dr. Augusto de Castro ergueu no tablado do Normal tem sido tão explorado no theatro francez, que já não ha figurino que apresente novidade. O adulterio é quasi um caso banal á força de vulgarisação e o theatro não tem contribuido pouco para esse progresso... Descobriu, porém, o sr. Augusto de Castro algum aspecto novo, conseguiu encontrar algum traço vigoroso para o desenho invulgar de caracteres; achou a formula precisa para obrigar a sensações ineditas as platéas, cuja sensibilidade emotiva tem sido posta á prova frequentemente, mercê da pesquiza incessante em que se afervoram, no filão do escandalo, os escriptores theatraes francezes? Talvez.

O novo dramaturgo, com perturbação evidente de certos convencionalismos, trouxe para o tablado um typo curioso de mulhera udltera, de uma crueza arripiante, é certo, no seu

aspecto desassombrado, ou cynico, como quizerem, mas de uma verdade flagelladora, porque é bem a publica fórma de um documento exemplificador dos productos doentios de uma época que não prima pela moralisação ou pela intransigencia austera dos costumes. E foi com certeza essa audaciosa exposição d'um tal modelo, despido das roupagens lentejouladas, com que está sendo dos processos modernos disfarçar o vicio, o que escandalisou o tartufismo indigena e desorientou os espiritos não prevenidos para este subito postergamento das praxes. . . O sr. dr. Augusto de Castro não esteve com cerimonias; foi aos desvãos da sociedade moderna e trouxe de lá para a luz da ribalta um typo de nevrotica, arrebatada, ardente, que não accusa receios da esteriorisação dos seus sentimentos depravados, exuberante de amor sensual para o amante, vibrando de odio desprezador e de clara repulsão pelo marido, prompta a romper com todos os convencionalismos sociaes á menor contrariedade opposta, ao que julga ser, a legitima satisfação dos seus sentimentos de amorosa desvairada.

Em que pese aos que se arrepiaram de pavor vendo surgir no palco aquella extranha figura, a protagonista do *Caminho perdido,* é como documento revelador de observação escrupulosa por banda do novo escriptor theatral, d'uma alta e incontestavel valia. O mesmo se póde dizer pelo que respeita a outros personagens em destaque na peça, como por exemplo o que coube a Ferreira da Silva interpretar e ainda aquella doce figura de mulher (Maria Eugenia), aureolada pelo soffrimento, que paira sobre o desmoronado lar como um anjo bom constantemente repellido, mas insistindo em tocar ao de leve o lodaçal com as suas grandes azas protectoras, d'uma brancura de neve, na esperança de o purificar.

Duas figuras merecem ainda menção especial, o *Visconde* e *D. Guiomar*, traçadas com graça caricatural, sobria, precisa e — diga-se já, encarnadas por Joaquim Costa e pela atriz Ca-

rolina Falco com um rigor de observação, agora raro em interpretações artisticas.

D'O *Correio da Noite* de 29 de março.

Corre cá fóra que o grupo d'artistas exploradores do Theatro Normal systematicamente se esquiva, sempre que póde, a trazer originaes portuguezes á luz do seu tablado. Se assim é, os proprios dramastralgicos nacionaes de boa vontade se encarregam de lhes dar pedra á mão, pateando, fiel e systematicamente tambem, toda a peça que ali surge e que não traga no frontispicio o amigavel —*póde passar*— do seu corrilho. O *Caminho Perdido*, do sr. Augusto de Castro, não fugiu a esta regra; e todavia não ha negar que esses 3 actos, com as inevitaveis imperfeições d'uma estreia, constituem ainda assim a revelação de um homem que saberá fazer theatro e n'este ponto ha de galgar, segundo cremos, muito além da mediocridade dos nossos Sardous de escada-abaixo.

Virá o estreiante a ser senhor de toda a complexa organisação de um dramaturgo, capaz de ajustar á melhor ideia a melhor fórma e de fazer uso da ficção theatral para fim mais proveitoso e nobre do que a regularisação do trabalho digestivo dos burguezes reunidos na plateia?

A sua peça de hoje inclina-nos a suppôr que sim; mas, pelo menos, aquelles que equiparam a obra do dramaturgo á do bicarbonato de soda, e do theatro não pedem mais que uma acção logicamente conduzida atravez de peripecias bem tratadas, com segurança d'effeitos, naturalidade e brilho nos dialogos, verosimilhança e *à-propos* na entrada e sahida dos personagens, ahi teem sem duvida um homem que já lhes deu no sabbado meia duzia de scenas modelares e ha de dar-lhes n'um futuro não remoto, peças theatraes d'uma carpinteria de mestre.

F. G.—D'*O Vira*, (semanario humoristico de caricaturas).

CAMINHO PERDIDO

Peça em 3 actos

DO MESMO AUCTOR

Religião do Sol (1900) .... 1 vol.

Ao actor Fernando Maia

Interprete d'esta peça

PERSONAGENS

Manuel	FERREIRA DA SILVA
Luiz	FERNANDO MAIA
O Visconde	JOAQUIM COSTA
Moura Cruz	PINTO COSTA
Elisa	MARIA PIA
Maria Eugenia	ADELINA ABRANCHES
D. Guiomar	CAROLINA FALCO
Angelica	JESUINA MOTILLI
Um creado	A. SAMPAIO
Uma creada	SARAH COELHO

Todos os actos em casa de Manuel

PRIMEIRO ACTO

PRIMEIRO ACTO

A scena representa uma sala mobilada com um luxo excessivo e deselegante, sem gosto. Portas ao fundo dando para um vestibulo. Aos lados portas e janellas.

Quando abre o panno, MOURA CRUZ *está em pé, em frente d'uma mesa, tendo deante uma pasta aberta com alguns papeis.*

SCENA I

MANUEL, MOURA CRUZ *e um* CREADO

MANUEL

Tem a nota de todas essas despesas?

MOURA CRUZ, *estendendo-lhe um masso de papeis*

As facturas estão ás ordens de V. Ex.ª

MANUEL, *toca a campainha*

(Ao CREADO) Falle pelo telephone ao sr. Telles e peça-lhe em meu nome para vir aqui já. o (CREADO *sae)*

MOURA CRUZ

Eu pedia a V. Ex.ª o obsequio de me dispensar antes de chegar o sr. Telles. V. Ex.ª comprehende... Não me seria agradavel...

MANUEL

Tem razão. *(Toca a campainha. Ao* CREADO *que entra de novo)* Logo que chegue o sr. Telles, antes de o mandar entrar para aqui, venha prevenir. (O CREADO *sae. A* MOURA CRUZ) Tem ahi a nota das letras, dos vencimentos?

MOURA CRUZ, *estendendo a* MANUEL *um livro de escripturação*

Aqui tem V. Ex.ª

MANUEL, *depois de passar a vista pelo livro*

Um resumo, entende? Uma simples nota — é o que eu quero.

MOURA CRUZ

Não tenho. Mas faz-se facilmente *(lendo)* Cinco contos seiscentos e cincoenta e cinco mil réis á casa Silva Borges. Essa letra foi descontada no Banco e foi reformada em Junho passado. — Um conto cento e quarenta...

MANUEL

Bem, bem... Adeante... Total?

MOURA CRUZ

Do montante das letras?

MANUEL

Sim, senhor.

MOURA CRUZ, *depois de percorrer com a vista algumas paginas do livro*

Dezoito contos setecentos e cincoenta e *(sommando mentalmente)* e cincoenta e sete mil réis...

MANUEL

E tudo a pagar?

MOURA CRUZ

No fim d'este mez e na primeira quinzena do mez que vem—parte. Algumas mais tarde: em fevereiro, uma em março...

MANUEL

E em caixa?

MOURA CRUZ

O indispensavel, ou pouco mais, para attender a despesas immediatas — salarios. percentagens, pagamentos á vista...

MANUEL

E onde se enterrou, afinal, tanto dinheiro?

MOURA CRUZ

Como já disse a V. Ex.ª, as facturas estão aqui. Compra de material, requisições excessivas e, sobretudo, a experiencia das machinas que V. Ex.ª conhece... Falhou —foi o maior prejuizo. Está ainda por liqui-

dar. Depois, despesas accumuladas dos outros mezes, letras reformadas ..

MANUEL

Nada a cobrar?

MOURA CRUZ

Isso não; não!... Temos bastante. Mas cobrança difficil — na provincia, no Brazil. Depois, V. Ex.ª comprehende: ha outras despesas, novo material a requisitar... Foi por isso que me julguei no dever de prevenir V. Ex.ª...

MANUEL, *estendendo-lhe a mão*

Muito obrigado. O sr. foi um amigo, foi muito leal.

MOURA CRUZ

Apenas o meu dever. Prezo-me de ser um homem honrado. E imaginei — sim, sempre imaginei — que V. Ex.ª o não ignorava. Quando ha dias disse a V. Ex.ª, suppunha que o sr. gerente...

MANUEL

Ignorava tudo. Muito obrigado pelo seu zelo.

SCENA II

Os mesmos e Elisa

ELISA, *entrando com um ramo de flores na mão e parando ao vêr* MANUEL *e* MOURA CRUZ

Ah!... Perdão! Imaginava-te no escriptorio...

MANUEL

Não conheces o sr. Moura Cruz, nosso guarda livros?

MOURA CRUZ *fazendo uma cortezia e sem se atrever a apertar a mão de* ELISA

A esposa de V. Ex.ª? Muita honra para mim! Deus dê sempre saude a V. Ex.ªs!...

MANUEL

Muito obrigado. O sr. é casado?

MOURA CRUZ

Saiba V. Ex.ª que sim — e tenho uma filha de quinze annos...

ELISA, *emquanto compõe flores n'uma jarra*

Uma filha só?

MOURA CRUZ, *commovido*

Sim, minha senhora: uma filha só. E chega para me entreter a velhice. *(a* MANUEL*)* V. Ex.ª não manda mais nada?

MANUEL

Mais nada. Estamos entendidos. (MOURA CRUZ *reune todos os papeis, fecha os na pasta que toma debaixo do braço, péga no chapeu e no guarda-chuva e vae a sair pela D*). Por ahi não... (*indicando-lhe a porta do fundo*) Por aqui. Isso... Eu acompanho-o. Desejo dizer-lhe mais duas palavras. (*Sahindo com* MOURA CRUZ, — *a* ELISA :) Com licença, minha filha

SCENA III

ELISA, O CREADO *e depois* LUIZ

ELISA *fica só um momento, e vae a sair pela D. quando pela mesma porta entra o* CREADO.

ELISA, *ao creado*

O que quer?

CREADO

Procurava o senhor para lhe dizer que o sr. Telles chegou.

ELISA

E então porque o não mandou entrar? É preciso prevenir?

CREADO

Foram as ordens que recebi.

ELISA

De quem?

LUIZ, *apparecendo á porta*

Sou importuno?

ELISA

Pelo contrario. Meu marido deve estar no escriptorio *(Cumprimentando-o)* Como tem passado? *(Ao creado que atravessa a scena para sahir pela E)* Podes retirar-te *(a* LUIZ) Vou prevenir meu marido, se me dá licença... Quer-lhe fallar? *(O creado sae pela D.)*

LUIZ, *depois do creado sair*

O que quer tudo isto dizer?

ELISA

Meu marido mandou que o prevenissem da tua chegada. Como sabia elle que tu vinhas cá hoje, a esta hora?

LUIZ

Muito simplesmente. Porque me mandou chamar.

ELISA

Para quê?

LUIZ

Não sei — mas vim logo.

ELISA, *com indifferença*

Qualquer coisa de negocios, decerto. Vim encontral-o aqui a conversar, ha momentos, com um homem que elle me disse ser o guarda livros.

LUIZ, *com interesse*

Aqui?

ELISA

Sim. Vaes, com certeza, saber já o que é. Mas ainda me não deste um beijo... Nem sequer na mão...

LUIZ, *beija-lhe a mão, distrahido*

E sabes se o guarda livros já cá estava ha muito tempo?

ELISA

Não, — não sei. Mas que curiosidade! E que pouco amavel estás hoje!

LUIZ

Perdoa. Mas realmente não percebo esta chamada tão subita de teu marido, contra o costume; querer que o prevenissem da minha chegada...

ELISA, *nervosa*

Estás-me a irritar, sabes? Qualquer coisa de negocios... Não vejo nada de extraordinario.

LUIZ

É contra o costume. *(sorrindo-lhe)* Mas, emfim, tens razão!... Queres outro beijo?

ELISA

Um só?

LUIZ *que a beija na mão e depois na face*

Estou perdoado?

ELISA, *sorrindo*

Pela penitencia?... Os homens são muito ingratos... Estava a pensar em ti quando entraste. Foi Deus quem te trouxe!...

LUIZ

Não foi Deus,—foi teu marido, como estás vendo... Assim tinhas saudades?

ELISA, *tomando-lhe as mãos*

Precisava ver-te. Tinha necessidade de te ver, tinha necessidade de ti!...

LUIZ

Porquê?

ELISA

Porquê? Porque esta vida é horrorosa — e sinto que não posso arrastal-a mais tempo. Porque essa pequena coisa — que vocês acham trivial — esta hypocrisia constante, de todas as horas, é horrivel! Tu

achas natural isto? Eu acho-o monstruoso! Justamente quando tu entraste, eu ia sahir. Ia talvez escrever-te uma carta, ia ver-te. Asphixiava!... Ia dizer-te isto. Tu sabes lá o que é a condemnação de viver assim, como eu, obrigada a estar junto d'um homem, a seguil-o, a dizer-lhe que o estimo, a sentir que sou amada por elle — e afinal... sim... afinal!... Oh! é monstruoso, embora tu o aches natural!

LUIZ

Estás com os teus nervos...

ELISA

Pelo amor de Deus te peço que não digas isso, que não falles assim! Da tua parte é... *(emendando uma outra phrase qualquer violenta)* é excitar-me mais!... Dize-me que não pode ser, que eu sonho coisas impossiveis, que tenho de me resignar! Dize-me tudo isso, se queres. Mas não chames nervos ao que tu bem vês que o não é!...

LUIZ

Obrigas-me a repetir-te o que te tenho dicto mil vezes. Eu concordo comtigo. Tu tens razão... Mas que lhe havemos de fazer?

ELISA

Estar a acceitar favores d'uma pessoa que enganamos em todos os pensamentos, não é generoso, pelo menos....

LUIZ

Pelo menos. Tens razão. Mas queres fugir? (ELISA *baixa a cabeça)* Ir por esse mundo de Christo commigo? Para onde? Para o paiz dos lagos? Vivêr de quê?... E, depois, o escandalo!...

ELISA

Que me importa o escandalo!...

LUIZ

Ora ahi está uma phrase bonita, romantica—mas de que tu não conheces o verdadeiro sentido. O escandalo para duas pessoas pobres, como nós, é um suicidio! Eu —bem vês—sou um homem que em toda a parte vive. Tu...

ELISA

Eu prefiro tudo a isto! Ha dias em que desejo morrer! Olha: hoje é um d'elles. Um dia de chuva, assim, frio, triste, faz-me medo! *(approximando-se mais de* LUIZ*)* E se eu morresse?...

LUIZ

Positivamente, meu amor, para os teus escrupulos, o que não me parece correcto é que estejamos aqui a chorar, a lastimar-nos emquanto teu marido espera e pode entrar por ahi...

ELISA, *continuando*

Se eu morresse sem ter tido o prazer supremo da liberdade comtigo, do amor comtigo, como eu sonhei sempre!...

LUIZ

Repara, Elisa, que teu marido está em casa — pode entrar de repente...

ELISA

É o mesmo. Então? Não nos tem visto conversar tanta vez? Não tem que estranhar ver-te aqui. Mandou-te chamar...

LUIZ

Mas para fallar com elle. Naturalmente não foi para me ajoelhar aos teus pés...

ELISA, *com ardor*

E depois, que me importa tudo isso? Se nos visse? Se soubesse? Já houve tempo em que tremi d'esse golpe. Hoje habituei-me a elle. Olha: era o mesmo! Talvez fos-

se melhor... Tu suppões que isto ha-de ficar assim toda a vida?

LUIZ

Toda a vida, não! Mas quando tiver d'acabar — ao menos, filha, poupemos-nos scenas duplamente crueis e desagradaveis.

ELISA, *com os olhos brilhantes*

Acabar?... Quando?

LUIZ, *ternamente*

Quando o teu lindo sonho se poder realisar, quando podermos ir, livres, sós, para longe, para muito longe, nos braços um do outro!

ELISA

E quando será isso, meu grande amor, para mim que me habituei a amar-te sempre sem esperança?

LUIZ, *retomando o seu ar frio*

Quando... quando fôr possivel! Deixa-me trabalhar, esperar o resultado d'alguns trabalhos que penso — e depois...

ELISA

Se esse lindo sonho demora, eu não poderei muito mais tempo viver assim!

LUIZ

Parece-te isso hoje. *(n'outro tom)* Adeus minha filha,—por agora. O teu marido está no escriptorio?

ELISA

Espera mais uns momentos!

LUIZ, *depois de uma pausa*

Tens mais que me dizer?

ELISA, *seccamente*

Não.

LUIZ

Zangaste-te?... És pouco razoavel!

ELISA

Pois sim. O que tu quizeres. *(Escondendo o rosto entre as mãos)* Deixa-me!...

LUIZ *aproximando-se*

O que tens?

ELISA, *nervosamente, entre lagrimas*

Nada. Não tenho nada. Quero chorar, preciso chorar!... Ah! vocês, os homens, são assim!... Pedem-nos tudo, obtem de nós tudo: a nossa vida, o nosso socego, a nossa dignidade, o nosso futuro — e não nos consentem sequer a consolação d'um desabafo, a consolação das lagrimas, quando todas as outras consolações nos faltam!... É

muito! É de mais!... *(desviando-se)* Vae! Vae ter com meu marido. Elle espera-te. Eu quero ficar só. Não te preoccupes. São nervos!... *(irritadamente e levantando a voz a cada palavra)* São nervos!... Não vale a pena incommodares-te. Vae, vae!...

LUIZ, *encolhendo os hombros*

Foi infeliz a minha vinda agora. Veiu transtornar-te...

ELISA, *esfregando os olhos e rindo, com um riso histerico*

Transtornar-me?... Não! Pelo contrario! A ti é que talvez os meus nervos te transtornassem alguns minutos! *(dissimulando, nervosa)* Perdôa. E não te demores mais tempo. Vae! Vês? Estás a perder o teu tempo commigo!...

LUIZ, *que passeia em toda a extensão da sala, abre um livro, e fecha-o logo a seguir*

Francamente, sériamente — a que vêm todas estas coisas? Tu bem sabes todo o meu amor por ti... (ELISA *sorri-se.* LUIZ *surprehende esse sorriso)* Tu agora estás fóra de ti, positivamente...

ELISA, *interrompendo-o*

Seriamente, francamente, — sabes o que eu estava a pensar? É que te devo aborrecer, não? Deve ter-te parecido aborrecido

fugir com uma mulher assim, por esse mundo fóra... Que queres? Talvez não aborreça a outros... Olha: a meu marido não aborreço eu e—vês?—elle aborrece-me a mim!...
Contrastes! Que se lhe ha-de fazer?

LUIZ

O melhor é ficares só. Estás-te a exaltar inutilmente. *(vae a sahir pela E.)* Está no escriptorio?

ELISA, *de costas, sem o olhar*

Está. (LUIZ *pára um momento sem que* ELISA *se volte. Depois, vendo que* ELISA *o não chama, caminha para a porta da E. — Quando elle está juncto da porta,* ELISA *volta-se, dá uma corrida brusca, agarra-o nervosamente pelo casaco, arrasta-o até ao meio da sala e grita-lhe)* Não!... Fica.

SCENA IV

OS MESMOS, MARIA EUGENIA, D. GUIOMAR
D. ANGELICA *e o* VISCONDE

MARIA EUGENIA, *de dentro, chamando*

Elisa, ó Elisa!... *(entrando)* É o sr. Visconde e a sr.ª D. Angelica. Querem-te vêr. *(para dentro)* Tenham a bondade... *(a* ELISA*)* E mais quem? Advinha... Mais quem?

ELISA, *indo ao encontro de* D. GUIOMAR, D. ANGELICA, *e do* VISCONDE *que entram*

A tia Guiomar! (*Cumprimentando todos, mas sem poder dominar uma certa frieza, beija* D. GUIOMAR *e* D. ANGELICA) Como passaram?...

MARIA EUGENIA *ao avistar* LUIZ *mostra-se surprehendida e desvanece-se-lhe um pouco a expressão communicativa com que entrou.*

MARIA EUGENIA, *a* LUIZ, *com seccura*

Por cá? A estas horas?

LUIZ

O Manuel mandou-me chamar.

MARIA EUGENIA

E já lhe fallou?

LUIZ

Ia agora procural-o. Cheguei ha instantes.

MARIA EUGENIA

Não sabia.

VISCONDE, *sentando-se*

Vinhamos cumprimentar Vosselencias. Vesperas de Natal... Emfim, o nosso dever...

ANGÉLICA

O nosso dever...

VISCONDE, *para* ELISA

V. Ex.ª vejo que está bem... E seu Exmo marido?

ELISA

Bem. Agradecida. Vou chamal-o.

VISCONDE

Pelo amor de Deus, minha excellente Senhora! Está naturalmente occupado...

ELISA

Não, não! Ia justamente mandal-o chamar. O sr. Telles veiu tambem para lhe fallar. *(levantando-se para tocar a campainha)* Eu mando chamar. *(tocando a campainha)* Então, a tia Guiomar veiu tambem?

D. GUIOMAR

Parece que sim, filha.

ELISA, *ainda distrahidamente*

Não era isso que eu queria dizer. Perguntava se veiu com o sr. Visconde e a D. Angelica...

D. GUIOMAR, *sorrindo*

Tambem parece que sim, menina.

VISCONDE

A Tia de Vosselencias encontrou-se comnosco no electrico. Fez-nos a honra de nos acompanhar.

ELISA

Era isso o que eu queria perguntar... *(ao creado que entra)* Diga ao senhor que estão aqui o sr. Visconde e a tia.

O creado sae pela E.

MARIA EUGENIA, *a* D. ANGELICA

Como tem passado?

ANGELICA

Assim, assim, graças a Deus...

VISCONDE

Aproveitamos tambem a occasião para participar... Ella que diga...

ANGELICA

Para participar o meu casamento com um rapaz... Talvez conheçam...

Durante esta conversa e desde a entrada das visitas, LUIZ *folheia um album.* ELISA *conserva sempre durante toda a scena o mesmo ar distrahido do principio.*

MARIA EUGENIA

Como se chama?

ANGELICA

Ah! isso naturalmente é que não sabem...

VISCONDE

Pois, com certeza. Tu ainda o não disseste...

ANGELICA

Elle é nobre. Por isso é que eu dizia que talvez conhecessem...

D. GUIOMAR

Se é nobre, — devo conhecer. Talvez seja o Mexia, da casa da Praia...

ANGELICA

Porque diz a sr.ª D. Guiomar isso?

D. GUIOMAR

É que a tia d'elle, uma amiga minha que está no convento da Encarnação, a Maria da Madre de Deus, disse-me que o sobrinho andava a vêr se casava rico...

MARIA EUGENIA

O Tia!...

ANGELICA

O meu noivo não está em Lisboa... *(com uma expressão que procura ser ingenua)* Nunca fallámos...

MARIA EUGENIA

Então... como sabes?..

ANGELICA

Disse-m'o uma amiga minha, uma condiscipula que é prima d'elle. Elle é da familia dos Sepulvedas, do Minho. Chama-se Eleuterio.

D. GUIOMAR

Não conheço. Eleuterio... dos Sepulvedas... Não me recordo. Mesmo no Minho não me parece que haja Sepulvedas nobres. Os Sepulvedas nobres são todos de Traz-os-Montes e eram parentes de meu marido. Só se são recentes...

ELISA, *ainda distrahidamente e com o ar de quem está a pensar n'outra coisa*

Já estás pedida?

ANGELICA

Não. Mas sei que elle me vae escrever. Disse-o á prima, a prima disse-m'o a mim, eu disse-o ao papá...

VISCONDE

E eu disse-o a Vosselencias...

MARIA EUGENIA

Mas onde te viu elle?

ANGELICA

Vimos-nos uma vez nas illuminações, em Cascaes.

MARIA EUGENIA

Muitos parabens, muitos! Creia que estimamos deveras. Quando é o casamento?

VISCONDE

Isso é com elles. O rapaz — já me informei — é filho d'um Sepulveda que era tio d'um cunhado d'um meu antigo collega nas Camaras. Logo que a Angelica me disse, eu não me oppuz. Eu não me opponho nunca...

SCENA V

OS MESMOS *e* MANUEL

MANUEL, *entrando*

Peço desculpa de os ter feito esperar uns instantes. *(Cumprimenta todos. A* LUIZ*)* Não sabia que estavas. Recebeste o meu recado?

LUIZ

Recebi, e vim logo.

MANUEL

Já fallamos. *(ao* VISCONDE*)* Não ha quem o veja...

VISCONDE

Tenho realmente andado bastante occupado. Depois, estes dias não tenho passado

bem. Fui mesmo com sacrificio umas noites ao theatro...

MARIA EUGENIA

Têm ido ao theatro?

VISCONDE

Á companhia extrangeira que ahi esteve. Gostei muito d'aquella Sarah Bernhardt...

ELISA

Da Sarah Bernhardt?...

ANGELICA, *explicando, a sorrir*

O Papá chama Sarahs Bernhardts a todas as actrizes francezas...

VISCONDE

É uma paixão dos velhos tempos. *(para a filha)* Paixão platonica, está bem de vêr. Platonica,—e quando a via no palco... *(afastando-se um pouco com* MANUEL *e mais baixo para este e para* LUIZ*)* De resto, como mulher, magrota... Eu cá voto pelas gordas, pelas mulheres *(com um gesto)* acolchoadas *(brejeiro, para* LUIZ*)* E o amigo?

As quatro senhoras. D. GUIOMAR, D. ANGELICA, ELISA *e* MARIA EUGENIA, *conversam a um lado, no sophá).*

LUIZ

Eu tambem, sr. Visconde, — da mesma opinião!

VISCONDE, *dando-lhe uma palmada nas costas e rindo*

É dos meus!... *(serio, n'outro tom)* Um rapaz assim precisava d'entrar na politica *(batendo no hombro de* MANUEL*)* E aqui o nosso nobre amigo tambem...

LUIZ

Gostar de mulheres gordas, sr. Visconde, é assim signal declarado de vocação politica?

VISCONDE, *continuando, para* MANUEL

... Aqui o nosso amigo, um rapaz de fortuna, independente... Já tenho fallado n'isso ao ministro. Estava a calhar!

MANUEL, *esquivando-se*

Não tenho ambições.

VISCONDE

Ora ahi está, ora ahi está! Essa attonia, essa indifferença, são o nosso mal! As ambições são um estimulo necessario — desde que sejam legitimas. *(com entoação d'orador)* São ellas que fazem os Gambettas, os Mirabeaus, os Thiers, os Herculanos...

LUIZ, *com uma gravidade ironica*

Não ha duvida nenhuma. O Visconde lá irá...

VISCONDE, *subitamente*

Este anno tenciono fallar na camara. D'este anno não passa. Ataco o fomento.

MANUEL

Mas o Visconde é ministerial, não?

VISCONDE

Ataco,—quer dizer: invisto com elle, fallo sobre o assumpto...

ANGELICA, *no grupo das senhoras, elevando o voz*

Talvez o sr. Telles conheça...

LUIZ, *approximando-se*

Quem, minha senhora?

ANGELICA

A D. Marianna Pimentel que se separou ha dias do marido...

LUIZ

Conheço o marido.

ANGELICA, *com curiosidade*

Ah, sim?... E como é elle? Diga, diga!...

LUIZ, *hesitante*

É... é assim como o pae de V. Ex.ª No physico — eu digo no physico... Quero dizer — tem a mais uma pera, talvez seja mais alto, talvez tenha mais edade... V. Ex.ª se

quer que lhe falle com franqueza — eu não me recordo.

VISCONDE, *approximando-se tambem*

Quem? Quem é como eu?...

ANGELICA

O marido da D. Marianna Pimentel, a nossa vizinha, a que se separou, a do escandalo...

LUIZ, *ao* VISCONDE

O outro tem pera. Pelo menos, tem uma pera a mais.

ANGELICA

Pois não imaginam... O marido segundo dizem, tinha ido para uma procissão. Elle é todo d'egrejas, todo d'essas coisas. Ouvi dizer que estreava uma opa nova, de não sei que irmandade. Logo que acabou a procissão, metteu-se no carro e veiu a casa, com a opa vestida, — coitado! — mostrar-se. Entra de opa e vela na mão. Ao chegar dentro encontrou a mulher... Imaginem!... Foi uma balburdia! Nós somos vizinhos... Mas eu não ouvi nada! Fiquei com uma pena!...

VISCONDE, *mais baixo, a* LUIZ

Eu o que gostava de vêr era a cara da mulher quando viu entrar o marido d'opa e vela alçada...

LUIZ

Era para deitar a fugir... a toda a vela!

VISCONDE

A toda a vela! Tem chiste, tem muito chiste! Hei-de contar ao ministro!

D. GUIOMAR

Eu acho um sacrilegio.

VISCONDE, *ás senhoras*

Appoiado, appoiado, minha excellente senhora!

D. GUIOMAR

O marido devia ter despido a opa..

MARIA EUGENIA

Era preciso que elle soubesse, tia!...

D. GUIOMAR

Ainda assim. Acho uma inconveniencia... Devia ter despido a opa.

LUIZ

... E arreado a vela!

ANGELICA, *levantando-se e despedindo-se*

Vamos, papá?

VISCONDE

Vamos lá. Estamos a massar... *(a* MANUEL*)* Meu nobre amigo! *(a* LUIZ*)* Ás suas ordens!

(despedindo-se de MARIA EUGENIA *e de* ELISA*)* Estou aos pés de Vosselencias!

D. GUIOMAR, *áparte, a* ANGELICA, *emquanto o* VISCONDE *se desped:*

Não se pode dizer que nos tenham dispensado uma calorosa recepção, os meus sobrinhos! Era preciso arrancar-lhes as palavras...

ANGELICA

Uma visita de pezames. .

D. GUIOMAR, *ao* VISCONDE *que se despede d'ella*

Eu saio tambem. Eu vou. Os meus sobrinhos decerto têm que fazer...

MANUEL, *cerimonioso*

Não, tia — não temos nada.

D. GUIOMAR

Eu vou, eu vou. .

ANGELICA, *já á porta da D. para* M.ª EUGENIA *e* ELISA, *parando e voltando-se*

Tencionam ir á festa dos pobres?

ELISA

De certo... Talvez...

ANGELICA

Ai! eu não vou! Detesto os apertos. Não posso! Ainda no outro dia, nas illuminações, ia desmaiando.

VISCONDE

Eu é que a contive... Não é para apertos — a pequena! Não pode!...

D. GUIOMAR

É como eu. Eu suffoco logo...

VISCONDE

Ella é a mãe que Deus haja, tal e qual! Em oito annos que estivemos casados, passei o melhor de quatro a segural-a e a borrifal-a... Chegava a accordar desmaiada!... *(As senhoras e sobretudo* D. GUIOMAR, *fazem um gesto de horror. O* VISCONDE *fazendo novos cumprimentos para sahir.)* Minhas Senhoras!

D. GUIOMAR, *sahindo*

Credo! Até podia um dia accordar morta! *(Saem todos pelo F menos* LUIZ*)*

ELISA, *que ficou atraz, antes de sahir, em voz baixa, a* LUIZ

Quero fallar-te. Preciso. Ou faço uma tolice. *(Sae tambem pelo F.)*.

SCENA VI

LUIZ *e* MANUEL

*(*LUIZ *fica um momento só, em scena. Passeia, olha o relogio, assobiando. Passados alguns instantes,* MANUEL *entra.)*

LUIZ, *a* MANUEL

Vim logo que me mandaste chamar. Alguma novidade ?

MANUEL

Não. Precisamos de conversar em coisas serias.

LUIZ

Optimo! Tu és um homem com quem nunca se pode conversar em coisas serias...

MANUEL

Conforme.

LUIZ

Acho-te preoccupado, um pouco fóra de ti...

MANUEL, *depois d'um silencio*

Tu sabes que nunca te tomei a menor conta dos negocios em que, por teu conselho e interesse, me envolvi...

LUIZ, *com seccura*

Porque nunca quizeste.

MANUEL

Seja. Porque nunca quiz.

LUIZ

Sempre procurei dar-te todas as contas.

MANUEL

Mas nunca m'as deste.

LUIZ

Ainda ha quatro ou cinco dias te procurei expor a nossa situação... um pouco melindrosa. Addiaste a conversa para depois, dizendo que essas coisas eram commigo.

MANUEL

Porque confiava em ti.

LUIZ, *rapidamente*

E não confias?

MANUEL

Confio.

LUIZ

Então? Era inutil chamar-me pelo telephone com tanta pressa, tomar para me fallar tanta solemnidade, fazer d'esta conversa um quasi interrogatorio — se desejavas apenas ouvir o que não quizeste ouvir no outro dia. Por meu e teu interesse, eu mesmo te procuraria para te informar de tudo.

MANUEL

Ora vamos de vagar.

LUIZ

Como queiras. Mas achava preferivel, visto

que tinhas tanta pressa em me ouvir, deixar-me primeiro fallar a mim...

MANUEL

Não. Sem exaltações, muito serenamente, ha algumas coisas que eu desejo recordar primeiro. Tu lembras-te de que ha dois annos me procuraste para me expôr um plano grandioso. Tratava-se d'uma empresa destinada a aperfeiçoar machinismos industriaes, instrumentos agricolas, etc., etc., etc... Disse-te n'essa occasião, muito sinceramente, que todas essas coisas eram para mim desconhecidas. Tu eras engenheiro, tinhas concluido ha pouco o teu curso — e eras pobre. Convidaste-me a ajudar-te. Uma empresa modesta, de pequeno capital. Offereci-me para t'o emprestar. Não quizeste. Preferias associar-me ao teu trabalho. Accedi. Confiei-te o capital que me pediste.

LUIZ, *contrariado*

Não entendo bem o que tudo isto quer dizer...

MANUEL

Já vaes vêr. Feitas as primeiras despesas d'installação, verificaste que a meia duzia de contos de réis que me pediras e com que eu me associára ao teu plano, não chegava para... essas primeiras despesas. Com sa-

crificio — porque tu bem sabes que eu tenho apenas com que viver — consegui o augmento de capital que desejavas. Não tiveste que recorrer a mais ninguem. *(n'outro tom)* Não estás decerto convencido que eu tenha tido, dispondo-me a ser teu socio, outra ideia que não fosse auxiliar-te? Por isso me entreguei absolutamente nas tuas mãos — e te deixei o unico gerente, o unico responsavel da empresa...

LUIZ

É verdade. Mas falta accrescentar que tudo isso foi contra minha vontade. Que desde o principio...

MANUEL, *interrompendo-o*

Já sei o que vaes dizer. E' verdade. Mas tudo isto vem apenas para te fazer uma pergunta, como amigo: precisaste alguma vez de recorrer a mim, á minha bolsa ou á minha confiança, que me não encontrasses lealmente?

LUIZ

Não.

MANUEL

Bem. Não percebo então o motivo porque escondes de mim a ruina da empresa em que me envolveste e do dinheiro que te confiei...

LUIZ

Não entendi bem a principio onde querias chegar — e agora custa-me a comprehender o sentido das tuas ultimas palavras. Mais d'uma vez, nos ultimos tempos, te procurei para te fallar n'estes assumptos. Evitavas a conversa. Não podia vir berrar-te aos ouvidos cifras e negocios com que tu parecias aborrecer-te. Quanto a ruina — acho que ha phantasia da pessoa que te informou. Sim — porque alguem havia de te informar, visto que eu te não informei...

MANUEL

Alguem, effectivamente, me informou. E é do que eu me queixo, — é de que fossem precisas informações de terceiros para eu conhecer de negocios que só a mim e a ti dizem respeito.

LUIZ

Isso parece-te agora. Quando te fallava em tal, addiavas sempre a conversa.

MANUEL, *exaltado*

Porque tu, desde ha seis ou sete mezes, me não procuras seriamente para tal assumpto. No fim do anno passado, disseste-me que a empresa corria bem, mas que não me

podias dar juros do meu capital porque te encontravas envolvido em transações que não podias de momento liquidar, etc., etc., que era uma empresa em começo e outras coisas. Fiz-te alguma objecção? Fiz-te alguma advertencia? Fiz-te alguma censura? Não. No emtanto, já n'essa occasião podias e devias ter-me dicto os compromissos que te cercavam — em logar d'occultar as coisas, como preferiste. Depois d'isso mais do que uma vez me disseste que precisavas de conversar commigo sobre *as nossas questões*... Eram as tuas palavras. Fallavas-me sempre aqui, á noite, quando estavam outras pessoas — e quando vinha a proposito... Mas nunca o fizeste. Nunca me procuraste para isso, entrando n'esta casa quando queres.

LUIZ

E tambem tu me não procuraste nunca no escriptorio, onde seria mais facil e mais conveniente conversarmos...

MANUEL

Porque uma visita para provocar explicações seria uma prova de desconfiança que eu não tinha — nem posso ter...

LUIZ

Nem deves ter! De resto, as difficul-

dades conto vencel-as. Não havia necessidade de te impressionar. Se alguma reserva houve da minha parte — foi esse o motivo.

MANUEL

Vencel-as? Como? Como contas pagar lettras, cujos vencimentos começam no fim d'este mez? Esperavas o fim do mez para me vir então expôr uma situação afflictiva? Esperavas de mim um outro augmento de capital?... Sim — eu não entendo!...

LUIZ

Quer isso então dizer?...

MANUEL, *com firmeza*

Quer dizer que eu desejo conhecer a situação, seja ella qual fôr; que lastimo que tu m'a não tenhas mais cedo dado a conhecer — mas que, visto que chegámos a isto, podes contar commigo, ainda que com sacrificio da minha fortuna e do meu bem-estar, para evitarmos uma vergonha para ti e um descredito para mim. *(com voz trémula)* Isso é que é preciso.

LUIZ, *friamente, depois d'um silencio*

A que horas posso procurar-te ámanhã para te pôr ao facto de tudo?

MANUEL

Quando quizeres.

LUIZ

Bem. E, visto que não posso merecer a tua confiança *por agora*, — conta commigo para todos os esclarecimentos que queiras, mas dispensa-me de continuar a gerir negocios teus.

MANUEL, *menos severo*

Tão meus, como teus. De resto, não te dispenso. Não deixei de confiar em ti. Lastimei que me não quizesses prevenir de coisas inevitaveis. Sim! — que tu bem vias que eram inevitaveis. .

LUIZ

Agora são inuteis mais explicações que te não posso aqui provar. Amanhã, com documentos, te porei ao facto de tudo. Quizeram apenas crear a tua desconfiança commigo. Eu é que lamento que o conseguissem tão depressa... Amanhã, a que horas?

MANUEL

Quando quizeres.

LUIZ

A' uma da tarde?

MANUEL

Pois sim.

LUIZ, *despedindo-se*

Até ámanhã. *(Dirige-se para a porta do fundo, olha* MANUEL *que o não vê e encolhe os hombros. Sae.)*

SCENA VII

MANUEL, *e* MARIA EUGENIA — *O* CREADO

*(*MANUEL *fica um momento immovel, concentrado, depois passeia em todo o comprimento a sala. Em seguida, abre sacudidamente a janella da D. com o gesto d'uma pessoa a quem falta o ar. Volta para dentro, senta-se, fazendo um esforço vizivel para respirar, o rosto congestionado.)*

MARIA EUGENIA, *entrando*

Estás só? *(approximando-se de* MANUEL*)* Estás incommodado?

MANUEL, *com difficuldade*

Não. Não é nada. As minhas faltas d'ar costumadas.

MARIA EUGENIA

É melhor sahires d'ahi, de frente da janella. Vem-te talvez frio. Queres agua?

MANUEL

Não. Estou melhor. Passou. Procuravas-me? A Elisa?...

MARIA EUGENIA, *depois de um momento, contrariada*

Passas o resto da tarde em casa?

MANUEL

Porque o perguntas?

MARIA EUGENIA

Supponho que a Elisa quererá ir á modista...

MANUEL

Foi tua irmã quem te encarregou de me fazeres a pergunta?

MARIA EUGENIA

Foi.

MANUEL

E porque não veiu ella perguntar-m'o?

MARIA EUGENIA

Está a vestir-se.

MANUEL

Porque não veiu antes de se vestir?

MARIA EUGENIA

Estavas com gente.

MANUEL, *novamente suffocado*

Não podia então esperar?

MARIA EUGENIA, *sem ter que responder*

É uma coisa tão simples... Supponho mesmo que pouca demora pode ter. É só por causa d'um vestido *(Faz menção de se retirar).*

MANUEL, *depois d'um momento em que os olhos se lhe enchem de lagrimas, retendo-a com um olhar*

Confessa antes a verdade. Eu advinho — ou, melhor, já sei o costume. Confessa que tua irmã sahiu e que tu quizeste ter a delicadeza, visto que eu estava em casa, de me prevenir, fingindo vir em seu nome... *(levantando-se)* Confessa a verdade! E' sempre assim!... Tudo para ella se passa como se eu não existisse!...

MARIA EUGENIA

Não. Enganas-te. A Elisa não sahiu — está ainda em casa...

MANUEL, *impedindo de novo* MARIA EUGENIA *de sair*

Não está.

MARIA EUGENIA

Está. Vaes vêr. Vou castigar-te por duvidares de mim. *(chamando)* Elisa! Elisa!...

MANUEL

Estás a chamal-a!... Para que me queres enganar?

MARIA EUGENIA

Se eu não soubesse que ella estava em casa, não a chamava. *(de novo, já afflicta)* Elisa!

O CREADO, *entrando*

A senhora sahiu.

MARIA EUGENIA, *surprehendida*

Está bem. *(O creado sae)*.

MANUEL, *cahindo sobre a cadeira*

Vês?...

MARIA EUGENIA

Juro-te que estava quando eu vim... Porque te affliges?... Não veio ella mesmo dizer-te que sahia — porque conta com certeza demorar-se pouco, só alguns instantes... Verás. Volta já. Não vale nada!...

MANUEL

Não vale nada!... *(Pausa)* Tu bem sabes que eu lh'o não mereço!...

MARIA EUGENIA

Pois sim... Naturalmente esqueceu-se...

MANUEL, *suffocadamente*

Esqueceu-se!... *(com uma expressão dolorosa, baixo)* Esquece-se sempre!...

MARIA EUGENIA

Está aqui frio. Queres o fogão acceso?...

MANUEL, *erguendo-se de novo*

Ar! Quero... ar!... *(caminha para a janella encostado a* MARIA EUGENIA*)*.

SCENA VIII

MANUEL, MARIA EUGENIA E D. GUIOMAR

D. GUIOMAR, *entrando*

Está deserta esta casa? Porta da rua aberta, vim subindo... Sempre volto atraz para perguntar á Elisa... *(reparando em* MANUEL *e* MARIA EUGENIA *que lhe não fallam)* Que é isso? *(approximando-se)* Está incommodado? *(a* MARIA EUGENIA) Tua irmã?

MARIA EUGENIA

Foi á modista.

D. GUIOMAR

A' madame Martin? De lá venho eu...

MARIA EUGENIA, *atalhando, rapidamente*

A Tia toca a campainha, faz favor...

D. GUIOMAR, *sem saber onde está a campainha*

Que queres?

MANUEL, *mais sereno, sentando-se*

Nada.

D. GUIOMAR

É dos pulmões? Não mandaram chamar um medico? Foi ataque?

MARIA EUGENIA

Não. É um incommodo nervoso já conhecido. Falta d'ar...

D. GUIOMAR

Pois sim, pois sim... Mas se isso se repete muitas vezes, é preciso ter cuidado. .

MARIA EUGENIA, *sempre juncto de* MANUEL

Seria melhor descansares um pouco... Estás melhor?

MANUEL, *offegante*

Estou... Não é nada.

MARIA EUGENIA

Queres passar pelo somno?

MANUEL

Obrigado. Não.

D. GUIOMAR

Bem. Visto que a Elisa não está — e eu

não sou precisa para nada... Volto depois. Era uma pergunta á Elisa...

MARIA EUGENIA, *sem se voltar*

Pois sim, tia. Eu cá lhe digo. *(a* MANUEL*)* Queres mais perto da janella?

D. GUIOMAR, *sahindo e, áparte, olhando* MANUEL *e* MARIA EUGENIA

Acho-os ternos!... A Elisa na modista... Acho-os ternos...
*(*D. GUIOMAR *sae)*.

SCENA IX

MANUEL *e* MARIA EUGENIA

MANUEL

Sahiu?

MARIA EUGENIA

Sahiu. Queres que te leia alguma coisa? Queres que te deixe só?

MANUEL, *já com a voz mais firme*

Pois sim...

MARIA EUGENIA *de vagar encaminha-se para a porta da D., olhando sempre* MANUEL. *Ainda da porta olha o um momento. Sae.*

O PANNO DESCE LENTAMENTE

SEGUNDO ACTO

SEGUNDO ACTO

A scena representa uma outra sala da casa de MANUEL. *Portas á D. e E. Ao fundo, uma porta envidraçada dando para um jardim.*

SCENA I

MANUEL *e* MOURA CRUZ

MANUEL, *a* MOURA CRUZ *que está de pé, em attitude de quem se despede*

Resta essa ultima letra. Consentem na reforma?

MOURA CRUZ

A seis mezes. É o prazo maximo.

MANUEL, *com esforço*

Bem. Não ha remedio. Expediu toda a cobrança?

MOURA CRUZ

Toda.

MANUEL

Para o Brazil?

MOURA CRUZ

Como V. Ex.ª ordenou.

MANUEL, *despedindo-o*

Até logo — ou, melhor, até já.

MOURA CRUZ, *que ia a sahir, voltando at az, depois de hesitar um momento*

Ha ainda uma outra coisa...

MANUEL, *nervosamente*

Outra coisa?...

MOURA CRUZ

Uma ordem de pagamento que é necessario satisfazer...

MANUEL, *exaltado*

Mas os srs. imaginam então que isto não tem fim? *(dominando-se)* Peço-lhe desculpa, sr. Moura Cruz. O sr. nada tem com isto. Tem a bondade, diz-me — quanto?...

MOURA CRUZ

Duzentos e cincoenta mil réis.

MANUEL, *depois de passar a mão pela testa, contendo-se*

Bem. Mais nada? *(estendendo-lhe a mão)*

É preciso pagar-se. É preciso liquidar tudo. Até logo.

MOURA CRUZ, *fazendo um cumprimento para sahir*

Á obediencia de V. Ex.ª

MANUEL, *retendo-o*

O sr. Telles não tem apparecido?

MOURA CRUZ

Depois que, na semana passada, esteve com V. Ex.ª no escriptorio, voltou no dia seguinte. Demorou-se pouco. Não me fallou. Não voltou.

MANUEL

Não voltou? Não o tem visto?

MOURA CRUZ

Saiba V. Ex.ª que não. Á obediencia de V. Ex.ª... *(sae)*.

SCENA II

MANUEL *e* ELISA

MANUEL, *depois de estar um momento sentado, pensativo, levantando-se com energia*

É indispensavel! *(Toca a campainha. Ao*

creado que entra) Diga á senhora que eu lhe peço o obsequio de me vir fallar.

(O CREADO *sae)*

ELISA, *entrando*

Mandaste-me chamar?

MANUEL

Mandei. Tenho ha dois dias alguma coisa a dizer-te... Procurei evitar fallar-te n'isto — mas é indispensavel que tu saibas do que se trata.

ELISA, *seccamente*

Diz-me respeito?

MANUEL, *demorando as palavras*

E se me dissesse respeito apenas a mim?... Interessar-te-hia?

ELISA

Não tens o direito de suppor o contrario.

MANUEL

Mas tenho talvez motivos para t'o perguntar.

ELISA

Pode-se saber quaes são?

MANUEL

A tua propria pergunta quando te preveni de que tinha alguma coisa a dizer-te...

ELISA

Não era esse o sentido das minhas palavras...

MANUEL, *abandonando a attitude severa e secca das primeiras palavras e approximando-se de* ELISA *n'um irrepremivel movimento de ternura*

E não podia ser, não é assim? Dize-m'o! Repete-m'o. Preciso de t'o ouvir... *(Tomando-lhe a mão que* ELISA *lhe abandona friamente)* Preciso — crê! Eu comprehendo o teu genio, os teus nervos podem mais que tu... Coitada! Soffres! Mas repara que eu soffro. Soffro sem tu veres, sem tu sentires. Não me queixo, não digo uma palavra. É do meu feitio. Mas a tua frieza agora punge-me mais. Eu quero saber o que te faz soffrer. Não afastes de mim a tua vida que me pertence. Peço-te, Elisa!... *(beija-lhe a mão).*

ELISA

Não me parece que fosse só isso o que tinhas com tanta pressa a dizer-me... Já conheço o teu amor, tu conheces o meu feitio. *(afastando se)* É melhor não insistir-

mos... Ambos nos conhecemos. Supponho que de nada tens a accusar-me...

MANUEL, *com dignidade*

Não! No dia em que o tivesse não o faria assim!... *(Com energia)* Não o faria assim! Tenho procurado dar-te a felicidade que para mim proprio ambicionei. Tanto peor para mim e para ti se o não consegui! As tuas palavras acabam de me arrancar a ultima illusão...

ELISA

Qual?

MANUEL

A de que podia esperar de ti algum amor...

ELISA, *timidamente, faltando-lhe coragem para mentir*

Enganas-te.

MANUEL, *de novo enternecido*

Engano-me?... Vês? Basta uma palavra tua — e é como uma luz que nasce... Engano-me? Dil-o mais perto de mim!...

ELISA, *desviando-se ligeiramente*

Pois sim... Digo. Mas agora não. Sinto-me mal. Não insistas!..

MANUEL, *com orgulho, sem poder conter a commoção*

Estás talvez a achar ridiculo este papel

d'um marido que falla á sua mulher d'um amor que ella não quer ouvir? Talvez tenhas razão. Tens razão com certeza. Não precisas dizer uma palavra... *(contendo qualquer palavra que* ELISA *vae a dizer)* Não digas mesmo mais nada. A ultima prova que tinha a exigir de ti é bastante. Não sou homem que se lastime ou que supplique. Descansa. Posso bem com a vida e com tudo o que ella me reserve *(n'outro tom, com voz que se esforça por ser serena)* Uma unica advertencia. Nada peço ao teu coração. Abandonei agora esse direito. Mas á tua dignidade de mulher apenas exijo *(fitando a nos olhos)* o respeito que deves ao meu nome e... á minha confiança em ti. Mais nada. *(com voz ligeiramente tremula)* Não fallemos mais n'isto.

ELISA, *commovida já*

Manuel!...

MANUEL, *com energia*

Não fallemos mais n'isto. *(n'outro tom)* Tenho alguma coisa grave a dizer-te — e que ha dias te occulto. Diz-te tambem respeito, como ha pouco me perguntavas. E' preciso que a saibas. *(enternecendo se, mas procurando dominar-se)* Não posso evitar te esse desgosto como alguns que me tenho es

forçado por te evitar, embora nem sempre o tenha conseguido. *(pausa)* Soube ha dias que os negocios do Luiz — em que tambem, como sabes, me envolvi — se encontravam muito perto d'uma ruina que dentro em breve seria... uma fallencia vergonhosa. Havia dividas avultadas em que, sem o meu conhecimento, o meu nome estava envolvido. Fiz o meu dever. Paguei parte — e quero pagar o resto d'essas dividas. Nunca fomos ricos. A vida um pouco... apparatosa que escolheste, *(a um gesto de* ELISA*)* com o meu assentimento, trouxe-nos despesas que, se nos não têm empobrecido, no emtanto não nos têm deixado sobejos. Pelo contrario. Tambem não estamos agora pobres. Mas o que estamos positivamente é na necessidade de nos restringirmos, de modificarmos certos habitos, de dispensarmos um certo numero de... coisas superfluas. Comprehendes que, quando fallo no plural, me dirijo sobretudo a ti...

ELISA, *que ouviu d'olhos no chão todas as palavras de* MANUEL

Comprehendo.

Silencio.

MANUEL, *cortando o silencio*

Era o que tinha a dizer-te...

ELISA

Mais nada?

MANUEL

Mais nada. Posso tambem já informar-te de que esta casa entra no numero das coisas superfluas que nos convem dispensar Isto desde já. Pensaremos depois no resto.

ELISA

E' melhor que penses tu só...

MANUEL

Porquê?

ELISA

Porque me livras a mim do trabalho de pensar n'essas coisas — e me dispensas de poder um dia ter o remorso de acreditar que, com qualquer intervenção minha agora, não deixei salvar a tempo a tua fortuna d'um desastre para que os meus habitos *(sublinhando)* apparatosos concorreram...

MANUEL

Sou eu agora quem pergunta: mais nada?

ELISA, *seccamente*

Mais nada.

MANUEL

E' pouco. Devias ter accrescentado que preferias que pensasse eu só em tudo isto

para não teres d'hoje para o futuro de commum com teu marido um unico pensamento, como não queres, juncto com elle e juncto d'elle, ter um unico sentimento commum. Faltou-te accrescentar isto. Faltou-te accrescentar que é essa a forma porque entendes que deves retribuir o seu carinho — mais do que o seu carinho, a sua sujeição para comtigo — todo o seu amor, todo o bem que procurou fazer-te. Faltou-te accrescentar que os motivos que tens para considerar o teu marido um extranho são elle ter feito da tua vida a sua vida, da tua vontade a sua vontade, dos teus caprichos os seus desejos. *(exaltando-se)* Devias ter dicto isto... *(approximando-se e tomando lhe com arrebatamento a mão)* Porque o não disseste?

ELISA, *fugindo-lhe com a mão*

Tu é que não tens o direito de fallar assim... Ainda me não viste desobedecer-te, esquecer os meus deveres. De que me accusas? De coisas que são superiores á minha vontade, que são do meu temperamento... Não sei ser terna. Nasci assim. Os meus nervos não me deixam ser melhor — nem para ti, nem para mim. *(sem sentimento)* Se te tenho feito mal — perdoa. Está na tua mão evitar que t'o continue a fazer. É inutil lembrar-me o bem que me tens feito para eu t'o agrade-

cer. Sei que era pobre — e que te devo a tal vida... apparatosa. *(Fazendo um movimento para sair)* Esqueço-me ás vezes de t'o agradecer. Desculpa o trabalho que te dou em m'o fazeres lembrar...

MANUEL, *depois de a ouvir, com uma voz em que não ha colera, vagarosamente*

Que mal te fiz eu?...

ELISA

Estás-me fazendo mal agora, prolongando entre nós uma scena inutil. Annunciaste-me que estavamos na necessidade de reduzir as nossas despesas. Nem me revoltei — nem succumbi. Succedeu talvez o contrario do que tu imaginavas. Submetto-me ao que quizeres. É preciso vender os meus vestidos ou empenhar os meus anneis? *(Fazendo o gesto de os tirar dos dedos)* Estão ás tuas ordens! Deixo-te plena liberdade de dispores de tudo. Era tudo teu — e, mesmo que eu o tivesse esquecido, tu encarregaste-te agora de m'o lembrar. *(Dando de novo dois passos para se retirar)* Não queres mais nada de mim?

MANUEL, *em frente d'ella, fora de si*

Quero. Tu julgas que eu não tenho direito de lêr no teu coração? Tu julgas, pelo facto de nunca me teres ouvido levantar a voz deante de ti, que eu deixo todos

os direitos que tenho ao teu carinho e á tua ternura de mulher, que vou consentir em tudo isto. Enganas-te! És minha mulher! *(agarrando-a)* Tu suppões que me illudes?... Tu não me amas! E eu quero o teu amor, quero-te!... Exijo-o!...

ELISA

Magoas-me... Deixa-me! *(gritando)* Deixa-me!

MANUEL, *já suffocado e succumbindo a pouco e pouco*

Não! Não!... Não posso mais!...

ELISA, *que consegue desprender-se de* MANUEL, *olha-o um momento com uma expressão de desprezo mas vendo-o agora succumbido, callado, offegante, apieda-se, approxima-se d'elle com as lagrimas nos olhos e diz-lhe baixo*

Perdoa...

MANUEL

...Magoei-te?

ELISA, *beijando-lhe a mão*

Tu és bom, tu tens sido sempre bom commigo...

SCENA III

OS DOIS *e* MARIA EUGENIA

MARIA EUGENIA, *que entra e se approxima, baixo, a* ELISA

Gritavas?...

ELISA, *apontando-lhe* MANUEL *e em voz baixa tambem*

Falla-lhe, falla-lhe tu... *(Dirige-se para a D. para sair)*

MARIA EUGENIA

Não te vás embora. Peço-te... *(Com intimativa)* É uma crueldade! (ELISA *fica*)

MANUEL, *ainda cansado e perturbado, vendo* MARIA EUGENIA

Deixaste o teu trabalho?

MARIA EUGENIA, *carinhosamente*

Conclui o que tinha a fazer.

MANUEL, *sempre com difficuldade*

Mandas-me accender uma luz no escriptorio?...

MARIA EUGENIA

Mando. (*Toca a campainha e vae á porta da D. dar a ordem ao creado.* O CREADO *atravessa depois a scena em direcção á porta da E. A* MANUEL *que se levanta)* Vaes para o escriptorio?

MANUEL, *dirigindo-se á porta da E., procurando dominar mas sem o conseguir inteiramente, a sua expressão de prostração e soffrimento*

Vou.

ELISA *approximando-se de* MANUEL *n'um irreprimivel impulso d'arrependimento, commovida*

Manuel!.. *(Um gesto de* MANUEL *detem-na)*

(MANUEL *sae)*

SCENA IV

ELISA, EUGENIA *e* D. GUIOMAR

D. GUIOMAR, *entrando com o seu ar sempre apressado*

Ora até que emfim! Com um dia d'estes em casa!...

MARIA EUGENIA

Nenhuma de nós sahiu...

D. GUIOMAR

Isso vejo eu... *(beijando* ELISA) Estás mal, filha?

ELISA, *disfarçando com custo*

Não me tenho sentido muito bem, não, tia...

D. GUIOMAR

Sim? Já no outro dia te extranhei... É preciso cuidar d'isso. Sentes-te fraca?

ELISA

Um pouco. *(Mudando de conversa)* A Tia traz novidades?

D. GUIOMAR

Ora que já é!... Vocês quando me vêm perguntam me logo novidades. Tomam-me pelo *Diario de Noticias*...

MARIA EUGENIA

É que a Tia sabe sempre tanta coisa...

D. GUIOMAR

Não tenho em que me entreter, gosto de saber o que se passa. É preciso ter alguma coisa em que fallar... Ainda agora na rua encontrei a Povoas e a filha. Dois cumprimentos e quizeram logo saber novidades. Ora eu áquella se lh'as quizesse contar, tinha muito que dizer... Sobretudo do marido. Não sei se vocês sabem... (*Reparando que* ELISA *e* MARIA EUGENIA *não lhe prestam muita attenção)* Já vejo que não querem saber...

MARIA EUGENIA

Diga, tia, diga... Não sabemos.

D. GUIOMAR

Isso depois, isso depois. Vocês é que não contam nada? Nada, hein? (*a* ELISA) Como está teu marido?

ELISA

Bem, graças a Deus.

D. GUIOMAR, *a* MARIA EUGENIA

Aquillo do outro dia não se repetiu?

MARIA EUGENIA

Não, felizmente.

D. GUIOMAR

Ainda bem. A Elisa devia ter ficado afflicta quando veiu...

ELISA, *atalhando*

Sim. . Não era a primeira vez... A tia dá-me licença por um instante? *(vae para sair)*

D. GUIOMAR

Deixas-me só?

ELISA

Um momento. Minha irmã faz-lhe companhia...

D. GUIOMAR

Já vejo que não ha forma de estar dois minutos comtigo.

ELISA *approximando-se de* D. GUIOMAR

Ora essa, tia!

(MARIA EUGENIA *percebendo que* D. GUIOMAR *quer fallar a sós com* ELISA *afasta-se um pouco e depois sae pela* E)

SCENA V

ELISA *e* D. GUIOMAR

D. GUIOMAR, *e* ELISA,

Olha lá, menina... Não é segredo. É uma pergunta. Curiosidade... Desde o outro dia o Visconde não voltou cá, nem a filha?

ELISA

Não. Nós é que devemos ir agora lá.

D. GUIOMAR

Sim — mas elle ás vezes vem por cá ás noites...

ELISA

Ás vezes. De longe em longe. A tia bem sabe.

D. GUIOMAR

Pois sim. *(Depois d'um momento, um pouco constrangida)* Tu não me sabes dizer se elle alguma vez fallou ao teu marido...

ELISA

De quê?...

D. GUIOMAR

De mim.

ELISA, *surprehendida*

Não. Não me parece... Não sei. O Manuel nunca me disse. Mas a que respeito?

D. GUIOMAR

Imaginei. Sim... a respeito de qualquer coisa, a respeito de nada...

ELISA

O Manuel nunca me disse... Mas a tia imaginava...

D. GUIOMAR, *depois d'um momento*

Olha, isto com franqueza. É em fami-

lia. Tenho-lhe assim surprehendido uns modos... A filha no outro dia disse-me umas coisas... Bem vês: eu queria-me prevenir.

ELISA, *séria*

Está visto.

D. GUIOMAR

Não queria ser assim apanhada de surpresa. Elle tem meios, tem um titulo. Supponho que, em antepassados, deixa alguma coisa a desejar. Como o teu tio, filha, — que Deus tenha! — não ha! Mas estou muito só, começo a sentir a falta de companhia... Sabes o peor?

ELISA

Não sei.

D. GUIOMAR

É a filha. Sempre com aquella mania de casar com toda a gente. Agora lá anda mettida com um pharmaceutico. Contou-me a minha costureira.

ELISA

Então... os Sepulvedas?...

D. GUIOMAR

Isso de Sepulvedas, menina... Supponho que de positivo, com acenos, olhares langui-

dos e tudo, é um pharmaceutico da vizinhança. Disseram-me que os dois passam o dia a fazer o alphabeto com os dedos um ao outro...

ELISA

Sim? Mas isso do pharmaceutico...

D. GUIOMAR

Isso não, filha. Hei-de averiguar primeiro. Generos de pharmacia não me entram em casa senão com receita de medico. *(n'outro tom)* Tu não contes isto. Ás vezes teu marido podia saber alguma coisa. Sempre é meu parente... Vi os alli no outro dia a segredar. Sim — tu bem vès... Queria-me prevenir.

ELISA

Eu posso perguntar...

D. GUIOMAR

Perguntar, não. Observa tu tambem — entendes? *(n'outro tom)* Parece-me que para observar não te fadou Deus... *(mais baixo)* Olha que eu sempre fui casada com um irmão de tua mãe. Não tenho filhos. Quero-vos do coração. Tu precisas d'olhar pelo que te vae por casa...

ELISA, *seccamente*

Isso é commigo. Nem sempre tenho paciencia — e por isso confio em minha irmã...

D. GUIOMAR

É preciso não confiar de mais. Vê se me entendes.

ELISA

Não entendo.

D. GUIOMAR

Ó filha — não te zangues! É por vosso bem, pelo bem de todos. Não ha nada como o socego da familia. Ella é ingenuasita... Sim — com as melhores intenções do mundo, têm-se visto casos. . E, ás vezes, ninguem tem culpa. Pode-se começar a rosnar... Tu tens obrigação d'olhar por ella e por ti.

SCENA VI

AS MESMAS *e* MARIA EUGENIA

MARIA EUGENIA, *apparecendo de novo á porta*

Querem luz? Ficam aqui?

D. GUIOMAR

Eu não me demoro. São horas. Depois faz-se tarde para eu ir. *(a* ELISA*)* Adeus, meu anjo!

ELISA

Eu vou comsigo.

D. GUIOMAR, *a* MARIA EUGENIA, *beijando-a*

Boas noites, minha pomba.

MARIA EUGENIA

Tia, adeus. Fico a arranjar umas coisas.

D. GUIOMAR, *sahindo*

Ás escuras?

MARIA EUGENIA

Vou mandar accender a luz.

Saem D. GUIOMAR *e* ELISA.

SCENA VII

MARIA EUGENIA *e* LUIZ

(MARIA EUGENIA *fica só, fecha as portas da E., depois espreita atravez das vidraças do fundo. Ao fim d'alguns momentos, sente-se alguem bater levemente nos vidros.* MARIA EUGENIA *vae apressadamente á porta do jardim, abre-a, desce a scena.* LUIZ *entra rapidamente e dirige-se para a porta* D. A, *atravessando o palco. A scena está escura.)*

MARIA EUGENIA, *avançando*

Se é meu cunhado quem procura, está no escriptorio. *(aponta-lhe a E).*

LUIZ, *parando, surprehendido*

Perdão! Eu vinha ..

MARIA EUGENIA

Vinha por aquella porta, a esta hora, sujeitar-se a ser surprehendido n'esta sala ou alli dentro por qualquer pessoa a quem poderia ainda parecer mais extraordinario do que a mim me parece, n'este momento, tão extravagante forma d'entrar n'esta casa. Estava fechada a porta da rua?

LUIZ

Peço-lhe que me desculpe. Creia que só violentado por um grave acontecimento é que eu entraria agora aqui...

MARIA EUGENIA

Por aquella porta?

LUIZ

Por aquella ou por outra.

MARIA EUGENIA

Folgo em lhe ter servido de guarda-portão.

LUIZ

Peço-lhe que me poupe ás suas ironias. Podia ser desagradavel para si e deploravel para mim insistirmos aqui n'uma conversa inutil. Perdoe-me. Consinta que me retire.

MARIA EUGENIA

Agora não. Preciso de conversar comsigo e para o que tenho a dizer-lhe é esta a melhor occasião. Podia ser tarde amanhã.

LUIZ

Lembre-se de que pode comprometter gravemente alguem...

MARIA EUGENIA

Era o que lhe devia ter lembrado antes de entrar. Agora que entrou — podemos conversar... Estamos os dois n'esta sala. As apparencias só podem n'este momento comprometter uma pessoa. Essa pessoa sou eu. Já vê que só tem a recear por mim. Não se assuste.

LUIZ

É uma imprudencia.

MARIA EUGENIA

Conforme. Começo por lhe declarar que contava ter de o esperar aqui mais tempo...

LUIZ

Esperava-me?...

MARIA EUGENIA

Esperava. O sr. teve a boa ideia de se fazer annunciar. O mensageiro perdeu-se no

caminho. (*Tirando uma carta do seio)* Eil-o. Não preciso de ler: sei de cór. «Logo ás seis e meia, á porta do costume. Urgente fallar-te. Impossivel mais tarde.» Assignado «*A*». Não tinha nome na direcção, nem assignatura. Já vê que podia ser para mim. Por isso abri. Não tem que extranhar. A porta do costume era esta — do jardim. O caminho do costume *(apontando a porta D. A.)* era aquelle. Já vê que estou ao facto das coisas. Em dois annos, o sr. veiu aqui, por aquella porta, umas dez ou doze vezes. Costumava ser mais tarde, a outras horas, na ausencia d'uma pessoa. A esta hora, n'estas condicções, supponho que é a primeira vez. Deve haver algum motivo extraordinario...

LUIZ

Visto que sabe tudo — e eu não podia suppôr que o ignorasse inteiramente — mais um motivo para lhe dizer agora a verdade. Vinha despedir-me. Parto esta noite...

MARIA EUGENIA

Para onde?

LUIZ

Para a provincia.

MARIA EUGENIA

E Manuel sabe-o?

LUIZ

Calculo que sim

MARIA EUGENIA

Disse-lho ?

LUIZ

Escrevi-lho.

MARIA EUGENIA

Porque parte ?

LUIZ

Levaria muito tempo a contar. Porque não gosto de ser de mais. Se ainda o não sabe — ha-de vir depois a sabel-o. Já vê que nenhum mal vinha fazer. Pelo contrario...

MARIA EUGENIA

E parte por muito tempo ?

LUIZ

Não sei — e isso deve ser-lhe indifferente...

MARIA EUGENIA

Engana-se. Não abri uma carta que me não era dirigida, não vim aqui esperal-o, pelo simples prazer, que seria vergonhoso, de o surprehender. Ha dois annos que eu sigo o papel que o sr. tem representado n'esta casa — e que o sigo sem curiosidade, esperando todos os dias o desfecho inevitavel que isto

viria a ter... Conheci-o quando o sr. era uma creança, o noivo dos meus brinquedos e dos de Elisa. Acompanhei a sua affeição por minha irmã. O sr. fez-se homem — e um dia o sr., que lhe chamava a sua noiva, deixou de lhe escrever, esqueceu-se de nós, sem pae e sem fortuna, no canto d'uma provincia. Foi a esse canto pobre de provincia que o coração d'aquelle homem *(apontando a E.)* que a esta hora se desespera nos foi buscar, dando a minha irmã um nome de que o sr. a achou indigna e a mim um lar. O sr. voltou, fez-se amigo d'esse homem e... *(fica sem concluir a phrase)* Sabia que minha irmã não amava aquelle a quem devia tudo — mas imaginava que o seu coração estava fechado para si. Quando na perturbação d'ella e na sua insistencia vi que me tinha enganado — era tarde. Que podia eu fazer para evitar o perigo sem a comprometter a ella?... Só aquelle homem, bom e leal, não tinha uma desconfiança. Como lh'a havia eu de crear, sem envenenar para sempre a sua tranquillidade? Callei-me, assisti em silencio a essa vergonha toda... Tentei aconselhar Elisa por meias palavras — só consegui excital-a. Deixei-me estar, seguindo um perigo que não podia evitar, uma vergonha que tinha d'encobrir. Mas para mim propria resolvi que, n'uma hora decisiva, de-

via intervir — quando a sua... cegueira e a fraqueza d'Elisa se approximassem do precipicio inevitavel. Essa hora chegou.

LUIZ

É inutil lembrar-me culpas ou deveres. Vinha para deixar esta casa e Elisa. Não a podia deixar sem lhe dizer duas palavras d'explicação. Deixe-me atravessar esta sala — e depois partirei. Partirei esta noite mesmo.

MARIA EUGENIA

O sr. bem sabe que se dissesse isso a Elisa ella não o deixaria partir... E o sr. bem sabe tambem que não pode ficar aqui, agora que Manuel lhe deve a ruina em que o sr. desastradamente o precipitou... Ficar em Lisboa e não vir a esta casa — seria notado. O sr. tem a vaidade de o não querer e Elisa teria a imprudencia de o não consentir. O sr. vae-se embora porque não tem a coragem de voltar a apparecer ao Manuel. Não é difficil advinhar. Para que veiu então aqui?...

LUIZ

Se não fosse a sua presença teria já partido depois de ter trocado com Elisa duas palavras...

MARIA EUGENIA

O sr. tem de partir já por aquella porta

por onde entrou, sem se demorar nem um segundo mais...

LUIZ

É impossivel.

MARIA EUGENIA

Lembre-se de que o Manuel pode atravessar esta sala e extranharia vel-o aqui...

LUIZ

Devo a sua irmã uma explicação...

MARIA EUGENIA

O que o sr. deve a minha irmã é a tranquillidade que lhe roubou: o que o sr. deve áquelle homem *(apontando sempre a E)* é esta tardia reparação do mal que lhe fez. Não o accuso, nem lhe lembro deveres...

LUIZ

Impõe-me ordens.

MARIA EUGENIA

Imponho. Chegou o momento. Minha irmã não sabe que o sr. está aqui, não o espera. Pode chamar-me. Pode entrar. O sr. vae partir — depois de me ter jurado que não tentará approximar-se mais d'Elisa. E' ineivtavel, é necessario.

LUIZ

É impossivel.

MARIA EUGENIA

Se insiste, chamo o Manuel. Não lhe direi o que o sr. veiu aqui fazer, nem como veiu mas dir-lhe-hei que o procura para lhe fallar... Que prefere?

LUIZ

E'-me indifferente.

MARIA EUGENIA

Sinto passos. Pode vir alguem... Saia!... Depressa! Peço-lho pelo passado d'essa creança a quem o sr. devia mais respeito, pela honra d'essa mulher que o sr. sacrificou... *(Vendo que* LUIZ *continua immovel)* Peço-lhe por aquelle homem que confiou em si! Peço-lhe pela sua propria vida! *(empurrando-o)* Vem gente...

LUIZ

E quem dirá a Elisa?...

MARIA EUGENIA

Digo-lho eu...

*(*LUIZ *depois d'um momento de indecisão, quasi empurrado, sae apressadamente pela porta de vidros do F.)*

SCENA VIII

MARIA EUGENIA *e* ELISA

ELISA, *entrando com uma luz e vendo aberta a porta que dá para o jardim*

Foste ao jardim?

MARIA EUGENIA, *embaraçada*

Sim... fui.

ELISA

Fallavas com alguem? Senti vozes...

MARIA EUGENIA

Não.

ELISA

Ia apostar...

MARIA EUGENIA

Foi impressão tua.

ELISA

É possivel. *(Dirige-se para a porta do jardim).*

MARIA EUGENIA

Onde vaes?

ELISA

Tomar ar.

MARIA EUGENIA

Não vás. Está frio.

ELISA

Não tenho frio.

MARIA EUGENIA

Não deves ir.

ELISA

Porquê?...

MARIA EUGENIA

É noite...

ELISA

Não tenho medo.

MARIA EUGENIA

É inutil ires lá...

ELISA

Vou apenas tomar ar.

MARIA EUGENIA

Tenho alguma coisa a dizer-te...

ELISA, *voltando atraz*

O quê?

MARIA EUGENIA, *entregando-lhe a carta de* LUIZ

Lê.

ELISA, *que lê rapidamente, alterada*

Que quer isto dizer? Onde encontraste isto?

MARIA EUGENIA, *serenamente*

Á entrada do jardim, á esquerda, mettida na trepadeira do muro...

ELISA, *nervosamente*

Como a encontraste?

MARIA EUGENIA

Porque a procurei. Sabia que estava lá. Era o costume.

ELISA

Com que fim?

MARIA EUGENIA

Com o fim de evitar a tempo uma grande desgraça... Foi a primeira vez — crê. Calculei o que essa carta podia dizer. Era necessario evitar que tu a recebesses.

ELISA

Tu abusas de mim e abusas da tua situação n'esta casa. Ninguem te deu o direito de me espionar. A não ser que tenhas recebido incumbencias especiaes...

MARIA EUGENIA, *com dignidade*

Elisa!...

ELISA

E' assim mesmo. Se te apraz — vae-o dizer! Que outro fim podes tu ter? Eu devia-o ter advinhado das tuas intimidades...

MARIA EUGENIA, *pallida*

Estás fóra de ti!...

ELISA

Das tuas intimidades, sim! — que todos notam... Não tens pae, nem mãe — é assim que agradeces a tua irmã que te dá o pão!...

MARIA EUGENIA

Calla-te!... Peço-te!

ELISA

Que papel te reservavas tu n'esta casa? Espiavas-me, hein? Abrias-me as cartas, abusavas da minha confiança?... (*chorosa*) Que desgraçada eu sou!...

MARIA EUGENIA

Podia-me magoar com o que disseste. Não quero. Pode ser que um dia me agradeças o que tanto censuras agora. Ha dois annos que conheço o teu segredo. Revelei-o? Revelei-te sequer a ti que o conhecia? Não. Agora é differente. Somos ambos sós no mundo. Pela alma de nossa mãe, Elisa, escuta! Alli dentro está um homem que soffre, (ELISA *vae-se deixando enternecer*) que te deu o seu nome, a sua fortuna, quando tu eras pobre e só, que te ama. Lá fóra está outro que te abandonou quando te viu sem nin-

guem, que não te julgou então digna do seu nome, que só te procurou e te quiz quando tu já nada tinhas a esperar d'elle ...

ELISA, *fazendo um gesto para a callar*

Maria Eugenia!...

MARIA EUGENIA, *continuando*

Não queres vêr as coisas... Estás cega!

ELISA

Eu não fiz mal senão a mim propria! Eu soffro mais que todos!

MARIA EUGENIA, *commovida, olhando a* E.

Mais do que *elle!* . .

ELISA

Mais do que todos!

MARIA EUGENIA, *repetindo*

Mais do que *elle!*... Tu esqueces-te de que elle existe...

ELISA

Mas que hei-de eu fazer! Eu não posso!...

MARIA EUGENIA

Elle que vive só para ti!... Tu és a sua existencia!

ELISA, *como fallando para si*

Mas como querias tu que eu matasse este

amor que vinha de tão longe na minha vida? Quiz resistir, soffri por não poder!... Não pude! Fui eu quem o procurou!... E soffri sempre! Ainda ha pouco, foi como se me quebrassem o coração, quando vi alli o Manuel succumbido, quasi a chorar, pelo mal que eu lhe tinha feito... E não era afinal senão o mal que eu tinha feito a mim propria! Porque não me ha-de Deus matar?!...

MARIA EUGENIA

Que alma és tu, Elisa, que não vês a grandeza do amor d'um — ao lado da mizeria do outro!

ELISA

E' o Destino!

MARIA EUGENIA

Minha pobre irmã, é preciso ter forças para resistir emquanto é tempo! Sacrifica-te ao teu dever!

ELISA

É impossivel!...

MARIA EUGENIA

Tu bem vês: é inevitavel. Amanhã Manuel saberá tudo. Elle já suspeita...

ELISA

Suspeita?...

MARIA EUGENIA

Não sei. Mas tu bem comprehendes — depois do que se tem passado é natural... E depois que farás tu?

ELISA

Não sei.

MARIA EUCENIA

Amanhã, Elisa, depois... que has-de tu fazer? Que havemos nós de fazer? *(pausa)* Elle parte, deixa-te...

ELISA, *sobresaltada*

Quem? (*Comprehendendo a resposta no silencio de* MARIA EUGENIA). Quem t'o disse?...

MARIA EUGENIA

Elle mesmo.

ELISA

Quando? Já veiu? Como?... Sim — é verdade: devia ter vindo! Fallaste-lhe?

MARIA EUGENIA

Fallei.

ELISA, *excitada*

Esteve aqui? Parte?... Quando? Sem mim?... Para onde?

MARIA EUGENIA

Hoje mesmo.

ELISA, *com desespero*

Não pode ser! Tu deixaste-o partir, não o deixaste despedir!... Tu mentes! Eu bem vi desde o principio que tu mentias!

MARIA EUGENIA

Juro-te que não. Elle vinha dizer-te isto. Encarreguei-me eu de t'o dizer... Que esperas mais?

ELISA

Não ha-de ser!... Não pode ser! (*caminhando para a porta)* Quero!...

MARIA EUGENIA

Estás doida! Endoideceste!... Que vaes fazer? Onde vaes tu?

ELISA

Deixa-me! Tu queres perder-me, tu queres matar-me!...

MARIA EUGENIA

Onde vaes tu agora, a esta hora? Tu propria não sabes onde vaes!

ELISA

Partir, hein?... E tu imaginavas que elle partia e isto acabava assim?... Elle vae — e eu fico! Eu fico n'este inferno, amarrada a este inferno, consumida viva!... E elle

vae, livre, só!... Leva-me tudo! Leva a paz, leva tudo d'esta casa! Parte — e eu fico! Não! mil vezes não! Ha-de soffrer o que eu soffrer, ha-de soffrer onde eu soffrer! Era bom assim, não era? Ficavam todos contentes, não é verdade? Sacrificada — eu só!... Mas não! Digo-t'o eu!...

MARIA EUGENIA

O que queres tu impedir? O que queres tu fazer? Resigna-te. É tempo. Esquece. Que esperas tu mais? Deixa-o ir! Foi um sonho mau. Que novos soffrimentos inuteis vaes tu fazer? Inuteis! Lembra-te d'isto!...

ELISA, *n'uma supplica*

Que ha-de ser agora de mim?...

MARIA EUGENIA

Que seria de nós todos depois?... Elisa, pensa bem!...

ELISA

Que me importa!

MARIA EUGENIA

Esquece o sonho mau! Pensa em ti, pensa em nós... Que felicidade queres tu ter agora?

ELISA

Não pode ser. Preciso fallar-lhe, devo fal-

lar-lhe. É inutil, bem sabes... Em eu querendo...

MARIA EUGENIA

Mas para quê?

ELÍSA

Preciso. (*pausa*) Depois, não me importo!...

MARIA EUGENIA, *vivamente*

E deixal-o ir?... Deixas?...

ELISA

Será o que Deus quizer!

MARIA EUGENIA, *insistindo*

Deixal-o partir?

ELISA, *mais baixo*

Sim... deixo... Depois, deixo...

MARIA EUGENIA

Juras?

ELISA

Para que queres que eu jure?

MARIA EUGENIA

Promettes?

ELISA

Juro-o... Sim, posso jurar...

MARIA EUGENIA

Bem. Vel-o-has *(n'outro tom)* Mas aqui. Promette que não sahirás d'aqui!

ELISA, *com um fulgor nos olhos*

Quando?... Como?...

MARIA EUGENIA

Amanhã. Mas pela ultima vez! Que mais queres de mim? E socegas agora?...

ELISA

Mas se elle já partiu!...

MARIA EUGENIA

Não terá partido. Se veiu aqui, é porque ainda tinha algum mal a fazer-nos, alguma coisa a querer de ti...

ELISA, *lançando-se-lhe nos braços, sorrindo, entre lagrimas*

Aqui? Não!... E o Manuel?...

MARIA EUGENIA

Descança. Eu farei tudo. Mas juras?...

ELISA

Juro. Pois que hei-de eu fazer? Juro!

SCENA IX

ELISA, MARIA EUGENIA *e* MANUEL

MANUEL, *entrando com umas folhas de papel na mão*

É preciso pôr tudo isto em ordem. (*Vae para entregar um papel a* ELISA, *mas nota que esta, abstracta, olha o jardim atravez das vidraças da porta do F. Entregando-o a* MARIA EUGENIA) Toma conta. Amanhã mesmo, é preciso cuidar de tudo isto, pôr escriptos. O guarda-livros não veiu procurarme?

MARIA EUGENIA

Não.

MANUEL

Se vier—é preciso dizer que o mandem entrar. Espero-o. (*olhando de lado* ELISA) Recebi ha pouco esta carta.

MARIA EUGENIA

De quem?

MANUEL, *entregando-lhe a carta*

Podes ler.

MARIA EUGENIA, *lendo alto*

«És victima de não teres confiado em mim até ao final. Quizeste precipitar os acontecimentos e não queres ouvir-me- Tenho a consciencia de que não te enganei. Depois das

explicações que tivemos ha oito dias em tua casa e no dia seguinte no escriptorio, vejo que não posso ter a tua confiança. Devia ter-te escripto ou apparecido. Desculpa. Seria desagradavel para ambos. Parto por algum tempo para longe de Lisboa. Não precisas de mim. Até breve. LUIZ.»

MANUEL

Leste?

MARIA EUGENIA, *entregando-lhe a carta, simulando indifferença*

Li.

MANUEL *caminha até ao fundo, passando juncto de* ELISA. *Abre de par em par as portas de vidro, respira o ar da noite. Vê-se um ceu estrellado d'uma noite d'inverno.*

MANUEL, *do fundo, olhando a noite*

Deve estar frio. Mas nem o sinto. Ha estrellas. Está uma noite linda d'inverno!...

MARIA EUGENIA, *a* ELISA, *baixo*

Soffre! Foi um sonho mau que passou, não é assim, Elisa?

ELISA

Tambem eu soffro! É o Destino!...

O PANNO DESCE

TERCEIRO ACTO

TERCEIRO ACTO

A mesma sala do 2.º acto.

Ao abrir o panno, ELISA *está de pé, perto de* LUIZ, *tambem de pé.*

SCENA I

ELISA *e* LUIZ

LUIZ

Pensavas então que eu não viria?

ELISA

Pensava—e tinha razão.

LUIZ

Como?...

ELISA

Vieste—porque eu te mandei dizer que não te deixaria partir se não viesses. Tu conheces-me. Sabes que eu sou capaz de fazer o que digo. Tiveste medo do escandalo.

LUIZ

Vê como és injusta. Vim aqui, não me

deixaram encontrar comtigo. Esperava um signal teu para voltar. Não partiria sem isso.

ELISA

Queres saber a verdade? Vieste aqui, arriscaste-te a vir, como em outros tempos, porque temias ainda o escandalo que seria se partisses sem me dizer uma palavra ou deixando-me apenas uma simples carta. Ah! tinhas razão!... Não posso deixar de o dizer! Preferiste encontrar-te commigo ainda aqui em casa porque sabias que assim tudo tinha de se passar em poucos minutos, rapidamente — emquanto que lá fóra, em outro qualquer sitio onde nos encontrassemos, eu poderia chorar, gritar, accusar-te. Não quizeste scenas. Preferiste vir áquella hora por um excesso de precaução ainda. Arriscavas-te, por um lado, a ter um encontro desagradavel, para evitar scenas que julgavas mais desagradaveis. Encontraste um obstaculo — cedeste. Não esperavas outra coisa. Como vês, eu conheço-te...

LUIZ

E se tudo isso fosse assim, que mal havia?... Livrar-me de scenas desagradaveis... Era natural que as não desejasse por mim — e por ti. Por ti, sim! Que se havia de fazer a uma situação sem remedio?

Quanto a arriscar-me — bem vês: se tivesse algum receio, se quizesse unicamente livrar-me, fugir, escapar, como tu dizes, não teria agora ficado em Lisboa. Tinha aquí vindo, tua irmã tinha-me prohibido de entrar, tinha-se encarregado de te prevenir da minha partida.. Bem vês, podia ter partido, como annunciei, — e com a certeza de, no regresso, te encontrar mais razoavel, mais serena, agradecendo-me talvez o ter-te poupado ás taes scenas desagradaveis em que fallavas ha pouco. Isto em primeiro logar. Em segundo logar, se eu ardesse nos taes receios que tu dizes, não teria vindo agora. Estamos em tua casa — na casa de teu marido. Bem sei que elle não está, que se trata d'um encontro que a tua propria irmã nos proporcionou, como uma ultima entrevista .. Mas sei tambem que pode entrar mais cedo e sujeito-me — sujeitamos-nos todos — depois de eu lhe ter escripto a dizer-lhe que partia, a uma curiosa situação... Como vês, ardo em receios!

ELISA

Porque não respondeste á primeira carta que te mandei hontem e só respondeste á segunda, hoje? Quizeste-me convencer de que tinhas partido? Ora tu não me convences tambem de que tivesses tido alguma vez

tenção de partir... (*a um gesto de* LUIZ) Tu nunca pensaste n'isto! Occultavas-te, desapparecias por uns dias—e, para te não incommodarem, fingias que estavas fóra de Lisboa, sem dizer aonde. Estavas livre do Manuel —estavas livre de mim! Era o que tu querias. Tu és um egoista. Sim—é o que tu és!... Os outros! (*com um gesto de desprezo*) Os outros!...

LUIZ

Estás no teu direito de phantasiar á tua vontade!...

ELISA

Tu chamas a isto phantasias?

LUIZ

Que nome queres tu que eu lhe dê?...

ELISA

O nome que eu não lhe posso dar—que não posso, apezar de tudo, dar-lhe!... (*olhando-o fixamente*) Como vês, enganaste-te! Estás aqui, de novo, juncto de mim! Já pensaste bem n'isso? Não digo que seja muito agradavel! Emfim!... E, de ti para ti, has-de, a estas horas, estar a pensar: o que quererá de mim aquella insensata creatura? (*Com ironia*) Pois esta insensata creatura, meu caro, deseja apenas saber de ti o

que tencionas fazer... Achas muito? Achas pouco?

LUIZ

Não. Acho bem. Desejas então saber de mim o que tenciono fazer? O que queres tu que eu faça?... Nada!

ELISA

Nada?...

LUIZ

Nada. Resigno-me ás coisas que não posso evitar. Tu conheces a situação... a minha situação junto do Manuel. Não posso, por agora, voltar aqui. É natural que, n'este momento, elle me não julgue bem. É quasi certo. Um dia, espero que elle reflectirá, que verá bem as coisas! Ah! A culpa não foi minha! Insensato! Para que interveiu em negocios de que não entendia?... Desconfiou. Obstinou-se... Tu conheces o teu marido. Seria inutil agora da minha parte.

ELISA, *erguendo se, dominando-o com um olhar inflexivel, sem um gesto*

E então — eu?...

LUIZ, *desconcertado*

Tu?...

ELISA

Eu, sim!... Surprehende-te a pergunta?

Não a esperavas? Vês esta casa quasi abandonada?... Não ha aqui apenas uma triste aventura de dinheiro de que tu és o responsavel, o unico responsavel! O meu amor por ti podia-me cegar. Isto... isto que hoje sinto por ti — não me cega já. O unico responsavel és tu! Ouves bem? Mas não se trata apenas d'isto. Ha aqui dentro tambem mais alguma coisa que tu anniquilaste! Admiras-te d'isso?... Esqueceste-te d'isso?...

LUIZ

Elisa, desde as tuas primeiras palavras, fallas-me hoje d'uma forma... que não tem resposta. Parece que me accusas...

ELISA

Parece-te isso? Extranhas?... Ah! parecia-te então mais commodo e mais natural voltar tranquillamente as costas a tudo!... Esta pobre gente ia arrastar, com os seus tapetes velhos e com os seus moveis em leilão, a sua agonia e a sua quasi pobreza... E tu, mãos nos bolsos, seguias... Para onde? Que nos importa isso a nós, que confiámos em ti? Hein? Que nos importa isso a nós?... Ahi está o que te surprehende realmente! Tu não contavas com isso!...

LUIZ

Contava com tudo, menos com ouvir recriminações da tua bocca! Dos outros podia esperal-as. De ti, nunca! Que podes tu exigir de mim? Que posso eu exigir de ti? Não fujo — aqui estou! Se algum mal fiz — deixa-me partir! Se não queres que eu volte, não voltarei! Que mais queres que eu faça?

ELISA, *repetindo as palavras de* LUIZ

Se algum mal fiz — deixa-me partir!... Não, não deixo! Tu has-de ficar onde eu ficar — porque has-de soffrer o que eu soffrer! Ou eu hei-de ir para onde tu fores...

LUIZ

Elisa! Endoideceste! Isso pode lá ser!...

ELISA

Não endoideci... *(mostrando-lhe o pulso)* Talvez tenha febre! Mas não endoideci! Ainda não endoideci... *(procurando apparentar serenidade)* Fallo até serenamente... Não achas?

LUIZ

Sim — não digo que não... Mas agora, n'este momento... Ficar eu... Como? Vindo aqui a casa — bem vês que é impossivel. Em Lisboa, sim... prometto-te...

Uma ausencia curta, preciso descansar... Tudo isto foi rapido, fulminante! Deixa serenar as coisas. Depois... é claro! Sim! É preciso não vêr as coisas tão mal! Mas agora... Tua irmã... a nossa promessa, a tua promessa...

ELISA

Qual?

LUIZ

Tu prometteste que tudo acabaria entre nós... Bem vês — é preciso, ao menos, esperar...

ELISA

Nem um dia, nem uma hora mais! Prometti, jurei, já com a certeza de faltar. Era a unica forma. Tinha de prometter...

LUIZ

Mas para quê? Que queres tu fazer? Porque não queres esperar?...

ELISA

Porque não quero. Se te é impossivel ficar como d'antes, — escolhe: ou me levas comtigo ou eu, dentro em duas horas, escrevo uma carta ao Manuel, conto-lhe tudo, perco-me, perco-te... Não tens senão o trabalho d'escolher.

LUIZ

Tu não fazes isso que dizes.

ELISA

Não se pode saber o motivo?

LUIZ

Porque isso é uma loucura sem nome, inaudita! Porque é improprio de ti!

ELISA

De mim?... Que ideia! Que juizo formarás tu de mim?

LUIZ

Tu obrigas-me, porque não queres reflectir, a ficar aqui, a sujeitar-me a todas as situações... Eu sei lá! E depois tua irmã... Sim — pode lá ser!...

ELISA

Escolhe.

LUIZ

Reflecte.

ELISA

Não quero reflectir. Isso é bom para ti! Eu não sou pessoa para isso!...

LUIZ

É então a tua desgraça que queres, com

as tuas proprias mãos, fazer? Teu marido matar-te-ha. Tu conhecel-o...

ELISA

Matar-me-ha?... É possivel. É-me indifferente. Mas a ti podes crer tambem que não te perdoará...

LUIZ

Não é de mim que se trata. Pensa em ti!

ELISA

E tu a insistires!... Quantas vezes queres, afinal, que eu te diga que já pensei, que não quero pensar mais?...

LUIZ

Queres então que eu fique? Que papel me reservas?

ELISA

Mas não penses que me illudes. Eu já esperava que tu havias de preferir essa solução. Como estás vendo, tambem pensei. Ficas então? N'esse caso, o Manuel não deve tardar. Espera-o. Não sahirás d'aqui sem lhe annunciar que resolveste não partir. De contrario, tu dir-me-hias agora que ficavas — e, ao sair aquella porta... Era o mesmo! A minha resolução é inexoravel!... Mas é melhor assim... Entendido?

LUIZ

E melhor socegar, pensar...

ELISA

Não.

LUIZ, *exaltando-se*

Isto devia terminar assim! Eu sentia que isto devia terminar assim!...

ELISA

Como querias tu que terminasse? Ah! eu sei bem! Cada um seguia serenamente o seu caminho — não era isto? Tu, por um lado, indifferente, cauteloso, egoista — eu, condemnada a reparar resignadamente na minha felicidade e na dos outros o mal que tu lhe fizeste... Quando nos vissemos, lá de longe em longe, mudariamos de passeio. Não se vê isto todos os dias? Era assim que tu querias que terminasse?...

LUIZ, *tentando acalmal-a e convencel-a*

Ora escuta... Terminar? Quem fallou n'isso? Tu bem vês que a nossa situação se tornou agora intoleravel. Tudo aconselha uma separação... passageira. O tempo — verás! — adoçará as coisas!... Temos agora contra nós tua irmã, a desconfiança de teu marido que me attribue culpas que tenho resignadamente de supportar... Que fazer?

Imaginas tu que eu não soffro tambem, deixando-te?... Elisa, minha Elisa, minha Lili, como eu te chamava d'antes!... É possivel que tu tenhas imaginado isso?...

ELISA, *mais ternamente*

Leva-me d'aqui!

LUIZ

Que farias tu, seguindo-me? Bem vês: n'este momento, eu seria o ultimo dos homens se o consentisse... Que remorsos seriam os teus, se deixasses esta casa agora, vazia, empobrecida, escarnecida!... Seria um crime! Tu nunca m'o perdoarias, ninguem m'o perdoaria! E porque ha-de ser agora? Porque não ha-de ser depois, mais tarde, quando a lembrança das tristezas d'hoje se tiver suavisado, as suspeitas se tiverem desvanecido, a confiança voltar?... Que sacrificio é esse que o teu amor não é capaz de o fazer?...

ELISA, *que ouve estas palavras com angustia, commovida, sem o olhar*

Mas tu não comprehendeste ainda que ha uma razão mais forte, desconhecida para ti, que me obriga a insistir, a querer partir comtigo, a não poder ficar aqui uma hora mais, uma noite mais?... Tu não comprehendeste ainda?...

LUIZ

Sei lá? Que razão podes tu ter?... *(Elisa approxima-se d'elle, tremula e, inclinando-se-lhe sobre o hombro, murmura-lhe ao ouvido, alguma coisa, em segredo.* LUIZ *n'um grito)* Tu?... Um filho! Pode lá ser!...

ELISA

Por Deus, Luiz! Affirmo-te!...

LUIZ, *passeando a sala, depois d'um silencio*

E digam que o Destino não está contra nós! Tudo, tudo contra nós!... *(Olha-a, parado, com insistencia, como que n'uma desconfiança)*

ELISA, *erguendo-se n'um movimento d'orgulho e de paixão*

É teu! É teu!... Sinto-o como se essa certeza me fosse dada por todo o meu sangue, pelo meu corpo — como me é dada pela minha alma, pelo mais intimo da minha alma!... Não duvides! Sinto-o com todo o meu ser! E se t'o não tinha dicto ainda é porque esperava vêr-me longe e só comtigo para t'o confessar na alegria calma da liberdade, juntando o meu coração ao teu!...

LUIZ, *que tem continuado a passear a sala, ouvindo-a com indifferença*

Mas seja tudo quanto tu dizes! O que eu

não percebo é o que tem isso com a tua insistencia em partir. Confesso que não percebo. Tu és casada... O segredo guarda-mol-o para nós, como o nosso amor. Compromettes-te? Não. Bem vês...

ELISA, *surprehendida*

Como? Pois tu achas natural que a mentira continue agora? Tu achas natural que eu fique?... Quando ámanhã tiver de o confessar, que me incline ao ouvido de Manuel, como me inclinaria ao teu ouvido, que ensine um outro a chamar-lhe filho, que lh'o passe para os braços, que o baptise com o seu nome — e, depois, mais tarde... Tu achas tudo isto natural?... *(Com revolta)* Ah, Luiz!... Tu não pensaste bem! Que nós podessemos viver na mentira, que deixassemos até agora afogar o coração n'este lodo — vá! É vil — mas vá!... Mas que deixemos n'este lodo nascer um filho, que as suas primeiras caricias e os seus primeiros sorrisos os abafemos n'este lodo... isso não te revolta, Luiz?...

LUIZ

Mas que revolta queres que eu tenha? Entendamos-nos. Baptisal-o com o nome d'outro, dar-lhe o nome d'outro, — tudo isto são coisas que te revoltam... Mas entre

um filho que a sociedade, a opinião publica legitimam e acolhem, que nunca terá a envergonhar-se do seu nascimento e um filho adulterino, repellido, mal visto — o que preferes tu? Isto por elle, por causa d'elle... Para nós o segredo existirá sempre, mysterioso como tu agora m'o disseste, puro — e isso nos deve bastar...

ELISA

... Nos deve bastar! E quando, amanhã, eu tivesse de te seguir, partir comtigo, elle ficaria? Iria comnosco? E o Manuel consentil-o-hia?... Tinha os seus direitos de pae — havia de os exercer. Tinhamos de o levar, de o esconder como um roubo! E, de todas as formas, mais tarde, elle teria de córar do seu nascimento... Quando fosse homem e soubesse tudo não m'o perdoaria! Não m'o podia perdoar! *(n'outro tom, olhando* LUIZ *fixamente)* Deixal-o aqui, sem conhecer sequer o nome da mãe?... E queres tu que a primeira acção nobre da minha vida seja ainda envolvida n'uma mentira e n'um crime?... Isso não te revolta o teu instincto de pae?...

LUIZ

O meu instincto de pae, o meu instincto de pae!... Bem vês — eu creio no que tu dizes! Mas...

ELISA, *estremecendo, olhando-o depois de frente, com uma altivez fria*

É a segunda vez que deante de mim, agora, tens esse pensamento que é indigno de ti. Duvidas?

LUIZ

Não é duvidar. É que é necessario vêr as coisas...

ELISA

É tudo quanto o teu coração encontra para me dizer n'este momento? Suppuz que me abririas os braços, que me sentirias mais tua, que não poderias mais deixar-me quando t'o dissesse... *(pausa)* Já vejo que não nos entendemos, que não nos entenderiamos nunca. É inutil ..

LUIZ, *interrompendo-a*

Parece-te isso?

ELISA

Tenho a certeza. *(exaltando se)* Agora sim! Posso dizer que te conheço! Ainda ha instantes dizia-te que não era amor o que sentia por ti... Mentia-te. Amava-te — apezar de tudo e contra mim propria, amava-te. Ameacei-te, suppliquei-te que me levasses comtigo—e prolonguei essas ameaças e essas supplicas... Estava a ler-te no coração. Mas, de mim para mim, dizia

«quando souber, será elle quem não consentirá que eu fique!» Enganei-me. Mesmo agora que sabes tudo, o teu egoismo só tem uma torpeza nova a propor-me! Agora é differente!... Adeus! Podes ir em paz! Não, não é teu filho! Não é!... Enganei-te. Quiz experimentar-te! Agrada-te isto?... Sinto que não é teu, que não pode ser teu! Tens razão. Adeus!... Vae tranquillo! Eu não te sigo—deixo-te ir!... Comtigo agora não! Mas aqui tambem — nem mais um momento... Ouves bem? Aqui, n'este lodo, nem mais uma hora! *(exaltando se cada vez mais)* Nem mais uma hora!... Sei o que tenho a fazer. Adeus! *(encaminha-se para a porta da* D.*)*

LUIZ

Que queres tu fazer? Tu endoideces?

ELISA

Não endoideço. Doida estava eu quando te tive amor! Agora recuperei a razão!...

LUIZ

Elisa! Podem ouvir-te! Não grites!

ELISA, *gritando sempre com um sorriso de desafio e de provocação*

Compromettes-te?...

LUIZ, *exaltando-se, sem a poder fazer callar*

Queres que seja assim? Pois seja! Mandas-me embora?... Vou. Repara — podes-te arrepender... Lembra-te d'isto quando voltares a ti!

ELISA

Adeus! (LUIZ, *exaltado, vae a sair pela porta envidraçada do fundo)* Escusas de sahir por ahi. Podes sahir á vista de todos. Os segredos acabaram. (LUIZ *sae pelo fundo sem se voltar)* És um covarde! (ELISA *fica olhando longamente a porta com uma expressão de altivez e de desafio).*

SCENA II

ELISA *e* MARIA EUGENIA

MARIA EUGENIA, *entrando*

Foi-se? Posso beijar-te? Tudo acabou?...

ELISA, *abraçando-a com transporte*

Podes, minha querida! Agora é que tudo acabou para sempre, todas as mentiras acabaram!... Era o caminho perdido...

MARIA EUGENIA

Deus deu te forças! Tu és boa!

ELISA, *abraçando-a ainda, com firmeza*

Vaes vêr.

SCENA III

D. GUIOMAR, MARIA EUGENIA *e* ELISA, *so no principio.* — O CREADO

D. GUIOMAR, *entrando*

Vivam, filhas! Vivam!... Ora não ha! Então vocês umas reservas commigo... Nem uma palavra!

MARIA EUGENIA

De quê, tia?

D. GUIOMAR

O vosso desgosto, filha... Só agora é que soube. Pobre Manuel! Quem havia de dizer! Com franqueza, não lhes perdôo! Nem um desabafo commigo!...

ELISA *sae sem dizer uma palavra.*

MARIA EUGENIA

Mas de quê, tia?

D. GUIOMAR

Ora, de quê! É o que por ahi se diz. Eu sempre previ isto! Para que se havia aquelle rapaz de metter em negocios?... Um rapaz que não precisava. Os homens, os ho-

mens!... Quem eu admiro é a Elisa... Não aconselhar o marido... *(olhando e reparando que* ELISA *não está)* Então ella fugiu?... Emfim, eu vinha trazer-vos as minhas consolações... Coitados!

MARIA EUGENIA

Para que se incommodou a tia?...

D. GUIOMAR, *com o lorgnon*

O' menina, parece que não se te dá muito isto!...

MARIA EUGENIA

Effectivamente...

D. GUIOMAR

Pois olha, menina, bem se vê que não é teu... Que tu tambem perdes. Vocês deixam esta casa?...

MARIA EUGENIA

Não sei. Como sabe a tia?

D. GUIOMAR

Em primeiro logar, vejo... Isso é uma coisa que se sente logo... no ar. Depois, diz-se. E o Telles, o Luiz?... Coitado! *(Com malicia)* A Elisa tambem deve sentir! Vocês têm umas reservas commigo!... E o Manuel?

MARIA EUGENIA

Sahiu de manhã. É provavel que só volte tarde.

O CREADO, *entrando*

O sr. Visconde.

MARIA EUGENIA

O senhor não está...

D. GUIOMAR

Manda entrar, filha. Eu recebo-o. Elle espera...

MARIA EUGENIA

Como sabe a Tia que elle espera?

D. GUIOMAR

Eu sabia que elle vinha *(Noutro tom)* Eu recebo-o, menina. Bem vês, sou da familia...

MARIA EUGENIA, *contrariada, ao* CREADO

Mande entrar *(o* CREADO *sae. A* D. GUIOMAR*)* Isto começa a ter o ar de visita de pesames!...

(O CREADO *sae)*

SCENA IV

MARIA EUGENIA, D. GUIOMAR, O VISCONDE

O VISCONDE, *entrando, cumprimentando*

Eu apresento a Vosselencias os meus cum-

primentos. *(a* D. GUIOMAR*)* Minha excellente Senhora!

MARIA EUGENIA

Muito amavel, sr. Visconde! Sinto no emtanto ter de lhe dizer que meu cunhado não está. Não sei mesmo a demora que poderá ter.

VISCONDE

Desagradavel, desagradavel!... Desejava dar-lhe duas palavras. Emfim... E sua ex.ma irmã?

MARIA EUGENIA

Obrigada. Bem.

VISCONDE, *depois d'um silencio*

Desagradavel, desagradavel!... N'esse caso, eu retiro-me e quando o Ex.mo cunhado de V. Ex.a vier, V. Ex.a faz-me o obsequio de lhe apresentar os meus cumprimentos...

D. GUIOMAR

Mas se o Visconde quizer esperar... Talvez não se demore. Não é assim, menina?

MARIA EUGENIA

Não sei... Talvez. Conforme...

VISCONDE

Pode demorar-se...

D. GUIOMAR

Espere, Visconde. Eu tambem espero.

VISCONDE

Uma razão, uma forte razão... Rendo-me. *(senta-se).*

D. GUIOMAR, *satisfeita*

O Visconde é sempre amavel!

VISCONDE

E V. Ex.ª sempre bondosa!

MARIA EUGENIA, *ao Visconde*

Não lhe perguntei ainda por sua filha...

VISCONDE

Oh! Minha senhora!... Trago-lhes os seus cumprimentos. Com a enxaquêca, ha dois dias com a enxaquêca...

MARIA EUGENIA

E depois deve andar com os preparativos para a grande festa...

VISCONDE

O Natal é sempre para nós uma festa triste. Sem familia...

MARIA EUGENIA

Não digo o Natal. O noivado, o grande noivado...

VISCONDE, *um pouco compromettido*

Talvez se não effectue. Depende ..

D. GUIOMAR

Depende ?...

VISCONDE

Do meu consentimento.

D. GUIOMAR

Mas o Visconde consentia...

VISCONDE

Consenti, consenti... Agora, porem, ha umas informações, umas coisas... Umas coisas... É o que me diz a Angelica.

D. GUIOMAR

Então ella tambem... não consente ?

VISCONDE

Tambem não, tambem não. Não consentimos.

D. GUIOMAR

E o noivo... o Sepulveda ?

VISCONDE

Esse não sei se consente. *(mysterioso)* Ha umas coisas...

MARIA EUGENIA

Essas coisas desmancham-se tão depressa!

VISCONDE, *a* MARIA EUGENIA, *rindo*

V. Ex.ª nunca se quiz dar ao trabalho de as armar para as desmanchar... *(n'outro tom, com ar compungido)* Pois eu lamento muito os successos tristes...

MARIA EUGENIA, *interrompendo-o*

Oh! Muito obrigada! Se me permittem, vou ver como está minha irmã...

VISCONDE

Sim? V. Ex.ª ainda ha pouco nos deu boas noticias...

MARIA EUGENIA

Pois sim. Mas agora... não sei. Com licença. *(sae).*

SCENA V

D. GUIOMAR *e o* VISCONDE

VISCONDE, *a* D. GUIOMAR

Um desastre, uma calamidade!

D. GUIOMAR

O Visconde já sabe?

VISCONDE

Ouvi dizer que jogo de fundos... Mas supponho que o nosso Manuel tinha uma empresa industrial, não?

D. GUIOMAR

Ahi, Visconde, ahi... Negocios! Ai! eu sempre detestei negocios. Um homem de negocios!... Credo! Não ha nada como o capital, inscripções, propriedades. É outro socego... Eu nunca me casaria com um industrial...

VISCONDE

O capital precisa de ser adquirido — isso é que precisa! No emtanto, para socego, acho que V. Ex.ª tem muita razão. Eu sou do mesmo parecer. O pouco que tenho cá o governo eu modestamente. Emfim, ambições, ambições legitimas...

D. GUIOMAR

Que dão este resultado...

VISCONDE

Infelizmente. Ouvi orçar em quarenta contos os compromissos...

D. GUIOMAR

Pouco mais terá elle, Visconde!

VISCONDE

Talvez haja exageros... Exagera-se sempre. Mas ouvi dizer que o nosso Manuel chamára todos os credores para pagar tudo integralmente. É verdade! Integralmente. Um homem digno, minha excellente senhora! Ha poucos — vão rareando. E o nosso Telles, o Luiz, grande amigo da casa, compromettido tambem?

D. GUIOMAR

Esse não tinha que comprometter. Comprometteu naturalmente o outro...

VISCONDE

Tambem ouvi dizer isso, tambem... Emfim, desagradavel — muito desagradavel!

D. GUIOMAR

Nunca vi com bons olhos aquelle homem! Eu sou physionomista, Visconde!

VISCONDE

Rosnavam-se coisas até ... Calumnias, evidentemente calumnias!

D. GUIOMAR

Diga, diga, Visconde... Rosnava-se muito. Coitada! A minha sobrinha expunha-se muito ás maledicencias...

VISCONDE

E as maledicencias são grandes, evidentemente. *(Curto silencio.)*

D. GUIOMAR

Nós é que estamos habituados á solidão...

VISCONDE

Eu lhe digo, minha excellente Senhora. A pequena ajuda-me muito, acompanha-me muito. Ella cuida de tudo. Eu tenho os meus trabalhos politicos. Ficou sem mãe cedo, lá se vae ageitando á vida...

D. GUIOMAR

Mas se um dia casa, lá fica o sr. só... *(Mais baixo)* Eu se fosse ao sr.! Uma mulher é muito precisa...

VISCONDE

Muito, muito precisa — indispensavel mesmo. *(N'outro tom)* Eu fui sempre uma negação para o matrimonio...

D. GUIOMAR

Ninguem dirá...

VISCONDE

Pois é verdade. Afinal casei-me. Passados alguns annos, estava viuvo. Parece que tinha

o presentimento. O matrimonio é uma coisa grave...

D. GUIOMAR, *com intimidade*

E então nós, as mulheres?... Mas, emfim, quando se encontra uma pessoa seria, uma pessoa digna...

VISCONDE

É o que eu digo sempre á Angelica.

D. GUIOMAR, *com um suspiro*

Não ha felicidade que chegue á d'um casal bem unido. Eu que o diga...

VISCONDE

Evidentemente. Mas é difficil. Hoje em dia é muito difficil...

D. GUIOMAR

Nem sempre. Procurando bem...

VISCONDE

Difficil, difficil...

D. GUIOMAR, *confidencial*

Ás vezes, passa-se ao lado das coisas e vae-se procurar longe...

VISCONDE

Estou velho, cançado...

D. GUIOMAR

Está na edade da tranquilidade...

SCENA VI

OS MESMOS *e* MANUEL

MANUEL, *que entra com alguns volumes na mão e vae para atravessar a sala. Vendo o* VISCONDE *e* D. GUIOMAR

Ah! perdão!... Ninguem me preveniu de que estavam! *(cumprimentando)* Então sós?...

D. GUIOMAR

Faziamos companhia um ao outro. As pequenas estão entretidas.

VISCONDE

Conversámos. *(Áparte, a* D. GUIOMAR, *depois d'um momento de hesitação)* Não se esqueça, minha Senhora, do ponto em que estavamos...

D. GUIOMAR

Qual ponto, Visconde?

VISCONDE

O da conversa. É para retomar *(com intenção)* Se lhe apraz!

D. GUIOMAR, *com um gesto ridiculo*

Oh! Visconde!...

VISCONDE *a* MANUEL

Eu vinha, meu bom amigo, para lhe apre-

sentar todas as minhas sympathias... *(reparando na frieza de* MANUEL*)* Infelizmente, essas coisas não são já apenas do dominio particular...

MANUEL, *friamente*

Certamente, o Visconde ouviu exagerar as proporções de... certos compromissos commerciaes que estou liquidando com algum esforço, mas com toda a promptidão.

VISCONDE

Decerto, decerto — exageros! No emtanto o meu dever d'amigo leal...

MANUEL

Muito obrigado, meu caro Visconde.

VISCONDE

Desejo egualmente manifestar os meus sentimentos de estima ao sr. Luiz Telles que supponho egualmente attingido... Infelizmente, ha pouco encontrei-o ao vir para aqui, na rua, mas tão de passagem e pareceu-me tão apressado, que me não foi possivel abordal-o...

MANUEL, *surprehendido*

Viu-o? Aqui?

VISCONDE

Na Avenida, ao voltar da Avenida.

MANUEL

Hoje?

VISCONDE

Ha pouco. Calculei até que viesse d'aqui, de estar com o meu nobre amigo. Afinal, logo á porta, soube que o meu amigo não estava.

MANUEL *durante um momento fica pensativo.*

D. GUIOMAR

Vocês deixam esta casa?

MANUEL

É provavel. Ha muito que desejo ir para mais longe.

D. GUIOMAR

Para mais longe, acho pessimo. É uma secca!...

VISCONDE

Conforme.

MANUEL

E depois precisamos bem um pouco de nos sacrificar *(Mostra um ar contrafeito)*.

VISCONDE, *percebendo-o e despedindo-se*

Meu nobre amigo! *(Mais baixo)* Julgo inutil dizer-lhe que para o que lhe fôr pres-

tavel, estou ao seu dispôr. Se houver qualquer difficuldade a vencer, qualquer obstaculo, bem sabe as minhas relações com o ministro... (*a* D. GUIOMAR) Não quero tomar a liberdade de lhe offerecer a minha companhia. Emfim, um homem só...

D. GUIOMAR, *despedindo-se tambem de* MANUEL

Acceito-a com prazer até ao electrico. O visconde não me compromette. (*a* MANUEL) Meu caro sobrinho! Dize ás pequenas que eu volto logo ou amanhã. Não as quero chamar agora para me despedir...

MANUEL, *acompanhando-os á porta da* D.

Obrigado, minha tia; obrigado, meu caro Visconde!

O VISCONDE *e* D. GUIOMAR *saem pela* D.

SCENA VII

MANUEL *e o* CREADO

MANUEL, *toca a campainha. Ao creado que entra*

A senhora está lá em cima?

CREADO

Saiba V. Ex.ª que sim.

MANUEL

Mande-lhe dizer que lhe desejo fallar e lhe peço o favor de descer ao escriptorio.

O CREADO *sae.* MANUEL *fica um momento só.*

O CREADO, *que volta*

A senhora pede desculpa de não poder descer agora.

MANUEL, *contrariado*

Dize então á minha cunhada que faça ella o obsequio de vir ter commigo ao escriptorio.

(O CREADO *sae.* MANUEL *sae logo a seguir pela* E. *A scena fica um momento deserta. Passados alguns momentos, entra apressadamente* ELISA. *Vem toda vestida de preto, de mantilha preta, o cabello um pouco em desalinho, e apenas com uma pequena mala de viagem na mão. Toca a campainha. Colloca a mantilha sobre uma cadeira. O* CREADO *entra de novo.)*

SCENA VIII

ELISA *e uma* CREADA

ELISA *ao* CREADO

Diga á Julia que venha cá. Depressa.

(O CREADO *sae.* ELISA *senta-se a uma mesa e começa rapidamente a escrever. Logo a se-*

guir entra a CREADA. *Vem d'avental branco. É uma mulher de quarenta a cincoenta annos.)*

A CREADA, *avançando*

Minha senhora...

ELISA, *vendo-a, levanta-se, abre a pequena mala de mão procura dentro uma bolsa d'onde tira algum dinheiro. Entregando-o á creada*

É provavel que te despeçam.

CREADA

A senhora?

ELISA

Eu não. Mas é provavel que te despeçam —e talvez por minha causa. Toma. *(Entrega-lhe o dinheiro).*

A CREADA, *ainda com o dinheiro na mão*

Mas a senhora despede-me?

ELISA

Eu não. Já te disse. Podes ir embora. *(Volta para a mesa escrever. A* CREADA *vae para fazer qualquer observação ou qualquer pergunta. Mas contem-se e, olhando ainda o dinheiro na mão, sae em silencio.* ELISA, *depois de ter escripto, dobra a folha de papel em que escreveu, colloca-a em cima da mesa, bem á vista, junctamente com um*

mólho de chaves. Em seguida, lança um ultimo olhar a tudo, põe a mantilha e dirige-se para o fundo, para sair. É quando MARIA EUGENIA *apparece da* E.)

SCENA IX

ELISA, MARIA EUGENIA *e depois* MANUEL

MARIA EUGENIA, *da porta*

Elisa! Onde vaes?

ELISA, *parando, seccamente*

Para que o queres saber?

MARIA EUGENIA, *avançando*

Porque tenho esse direito.

ELISA

Não t'o reconheço.

MARIA EUGENIA

Esqueces-te do que ainda ha pouco me juraste!...

ELISA

E que hei-de cumprir. Deve bastar-te saber isto. *(Faz um movimento para sahir).*

MARIA EUGENIA, *com auctoridade*

Não te deixo sair d'aqui sem saber para onde vaes.

ELISA, *parando novamente, mas sem se voltar*

Como queres saber isso de mim se eu mesma não o sei?...

MARIA EUGENIA

Tu juraste. É uma loucura!

ELISA, *desabridamente e avançando para sahir*

Loucura é prolongarmos isto...

MANUEL, *que tem escutado da porta estas ultimas palavras*

Elisa! *(ouvindo o seu nome pronunciado pela voz do marido, Elisa pára, mas ainda sem se voltar).* Eu é que preciso saber o que significa tudo isto!...

ELISA, *voltando-se agora*

E eu a ti respondo-te. *(Aponta-lhe a carta sobre a mesa.* MANUEL *vae direito á mesa, rasga o sobrescripto—depois de ter lido a carta, segurando-a entre as mãos tremulas, olha* ELISA *fixamente, sem um gesto, sem poder articular uma palavra.* ELISA, *avançando, sem despegar tambem os olhos do marido, demorando as palavras, com a voz ligeiramente tremula)* Tu tinhas o direito de saber... Não me perguntes para onde vou... Não sei. D'aqui não levo, n'esta mala, senão as joias que eram de minha mãe e que

me pertencem. Deixo-te tudo o que me deste. Deixo-te os meus vestidos. Agradeço-te tudo. Não me deves querer mal. Isto tinha d'acabar um dia...

MANUEL, *com a voz suffocada*

Mas tu imaginas que eu te vou tomar a serio?... As minhas condescendencias, o meu exagerado amor deram este resultado! Achaste nas tuas leituras que isto seria um bello final de comedia?... *(rindo, com um riso forçado)* E seria realmente para rir!...

ELISA

Tu riste?

MANUEL

Pois tu não queres que eu ria?... *(Aproximando-se d'ella, agarrando-a por um braço e lançando-a para a frente da scena).* Tu não queres que eu ria!...

ELISA

Deixa-me ir embora! Não te importes de saber para onde eu vou!... Eu não viveria mais comtigo!... Não posso! É inutil!...

MANUEL

Não é inutil! Não quero! Não te consentirei um passo fóra d'aquella porta... Nem um olhar!... O romance acabou, a farça acabou!

ELISA *dá uma corrida para a porta para fugir.*

MANUEL, *que lhe surprehende o movimento de fuga, empurrando-a para a frente*

Decidamente, tu queres-me fazer rir!...

ELISA

Deixa me!...

MANUEL

Perdeste o juizo!

ELISA, *fora de si, com o olhar febril, todo o corpo estremecendo sacudido pelos nervos, gritando as palavras*

Não deixas?... Pois bem! Queres que diga tudo? (MARIA EUGENIA *faz um movimento para a callar.* ELISA *afasta-a e continua)* Ha dois annos que eu tenho um amante, que amo outro homem, que sou d'outro homem... Ha dois annos que te engano! A mentira abafa-me... Tu és cego, tu eras cego! Estou farta!... Isto enoja-me, este ar envenena-me... Ahi tens porque eu não posso! Negar-te os meus beijos, as minhas caricias, não! Tu amas-me, eu reconheço-o. Não tenho forças para isso, afinal!... Continuar a ser tua, como até aqui, irritando-te sempre, sendo cruel, enganando-te, ludibriando-te — não, não! É uma torpeza! *(olhando-o de*

novo, erguendo-se deante d'elle, n'outro tom) Ainda queres que eu fique?

MANUEL, *faz um movimento para lhe bater, a mão ergue-se sobre a cabeça d'ella que não faz um movimento para se afastar, depois cae*

É para o teu amante que queres ir? É o escarneo então!... Devem ter rido junctos do homem que exploraram! *(pondo-se entre ella e a porta)* Agora mais do que nunca! Não sairás d'aqui! *(largando-lhe os braços)* E eu que não vi nada! Eu que ainda ha pouco ao ver-te querer partir, não suspeitei ainda! *(Recordando-se, de subito)* É verdade, elle ainda não se foi! Está á tua espera para depois ir comtigo com o dinheiro que ambos me roubaram! Não! Mil vezes não!...

ELISA

Podes bater-me, podes insultar-me! Juro-te que não! Entre mim e esse homem tudo acabou... Tudo! Juro-te. Deixa-me ir... Quero ser pobre, trabalhar, não ter que mentir! Quererias ter entre ti e mim... o filho d'um outro?...

MANUEL, *n'um grito*

Tu?...

ELISA

Sim... o filho d'um outro!... *(Com uma expressão de crueldade)* Vel-o crescer dentro

de mim, chorar nos meus braços, erguer para ti as suas mãositas... e tu saberes que era d'outro, d'outro... d'outro...

MANUEL *caminha para* ELISA, *o seu braço mais uma vez se levanta, tremulo, sobre o seu corpo que se debate agora para lhe escapar. Um instante segura-a, apertando-lhe o pescoço entre as mãos. De repente, larga-a, com um gesto d'afflição e de dôr, o rosto congestionado.* MARIA EUGENIA *avança, ampara-o emquanto* ELISA, *vendo-se livre, cinge a mantilha na cabeça rapidamente, dá uma corrida, sahindo pelo fundo, sem olhar.* MANUEL *n'um gesto desabotoa a camisa, dá alguns passos amparado a* MARIA EUGENIA, *as pernas vacillantes, até ao sophá onde cae, os olhos injectados, as unhas cravadas no pescoço, com uma expressão atroz de soffrimento.*

SCENA X

MARIA EUGENIA *e* MANUEL

MANUEL.— *um momento depois, olhando com esforço a scena em procura de* ELISA, *a voz rouca e baixa, a* MARIA EUGENIA, *inclinada sobre elle*

Foi-se?... *(com soluços)* Não tenho ninguem!...

MARIA EUGENIA, *ajoelhando deante d'elle, beija-lhe a mão amorosamente, balbuciando*

Tu nunca reparaste em mim!... *(Procura amparar a cabeça de* MANUEL *que cae. N'um grito)* Meu Deus!... *(Levanta-se, olha-o com os olhos fixos, espantados, recuando, n'um pavor)* Morto!...

CAE O PANNO

FIM

Julio Dantas

D. Beltrão de Figueirôa...................
O Caminheiro...........................
A Ceia dos Cardeaes, 8.ª edição (1.ª illustrada)
Paço de Veiros...........................
O que morreu d'amor, 2.ª edição ....
Rei Lear.................................
Um serão nas Laranjeiras ....
A Severa, 2.ª edição.......................

Bento Faria

Missa Nova, peça em 1 acto, em verso......

Henrique de Mendonça

O sonho d'um principe, tragedia em 1 acto...

D. João da Camara

THEATRO EM VERSO: **Auto do menino Jesus—Os dois barcos—O poeta e a saudade**......

Manuel Penteado

Lei-San, phantasia dramatica em 1 acto.....

Mario Monteiro

Aldeia em festa, comedia-drama em 1 acto, em verso.................................

João Gouveia

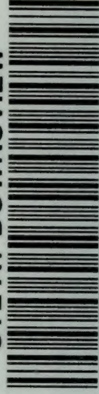
Engano d'alma, peça em 1 acto.............

Raphael Ferreira

Ás portas do Paraizo, dialogo em verso.....

Romualdo Figueiredo

Alguma coisa sobre o Theatro Portuguez...


UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 04 12 018 2